

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Uma classe enrolada para presente: num lugar de ausentes.

SAIONARA REGINA PIRES RODRIGUES

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre
20 de novembro de 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Saionara Regina Pires
Uma classe enrolada para presente: num lugar de
ausentes. / Saionara Regina Pires Rodrigues. -- 2021.
60 f.
Orientador: Nestor André Kaercher.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Narrativa (auto) biográfica. 2. Geografia. 3.
Pandemia Covid - 19. 4. Escola Pública. I. Kaercher,
Nestor André, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Uma classe enrolada para presente: num lugar de ausentes.

SAIONARA REGINA PIRES RODRIGUES

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher.

Porto Alegre

20 de novembro de 2021

Saionara Regina Pires Rodrigues

Uma classe enrolada para presente: num lugar de ausentes.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

Banca Examinadora:

Igor Armindo Rockenbach (Doutorando POSGEA/UFRGS)

Marcos Bohrer (Instituto Federal Catarinense (Videira – SC)
(Doutorando POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr. Nestor André Kaercher - UFRGS (Orientador)

Resumo

Esse trabalho trata da narrativa autobiográfica da prática docente com alunos das primeiras séries do Ensino Médio Regular, turno diurno, durante a Pandemia de Covid-19, numa escola pública da cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 2020 e 2021. Está estruturado, com a descrição da escola, o perfil dos alunos, a trajetória da autora e a relação entre os envolvidos na narrativa, ou seja, a Pandemia, a professora, os alunos, a escola e o ensino, buscando refletir sobre os papéis de cada um dos elementos elencados e do governo estadual, representado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, seguido da descrição do comportamento da sociedade em relação aos Professores, por meio das notícias midiáticas. O trabalho pretende mostrar como as relações foram transformadas e adaptadas pelos docentes, e de forma breve, acompanha Jan Masschelein e Maarten Simons no que se refere a pensar o que faz a escola ser uma escola, o que tem de público e comum, e sobre seu lugar na relação ensino/aprendizagem, assim como, o quanto deve ser repensada no sentido de promover a igualdade social. Importante em tudo isso, é enaltecer sua importância como lugar de aprendizagem, como um lugar onde todos os presentes recebem a mesma explicação do professor, onde possam questionar e serem respondidos. Se até então a escola era considerada como um importante fator de contribuição ao combate da desigualdade social, nesse momento de Pandemia, ela mostrou o quanto reduz a diferenciação através da socialização dos estudantes, dos professores, da comunidade e da relação ensino/aprendizagem e o quanto sua ausência aumenta o fosso social.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica; Geografia; Pandemia Covid-19; Escola Pública.

Abstract

This work deals with the autobiographical narrative of teaching practice with students from the first grades of Regular High School, daytime, during the Covid-19 Pandemic, in a public school in the city of Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul, in the years 2020 and 2021. It is structured, with the description of the school, the profile of the students, the author's trajectory and the relationship between those involved in the narrative, that is, the Pandemic, the teacher, the students, the school and teaching, seeking to reflect on the roles of each of the listed elements and of the state government, represented by the Secretary of Education of the State of Rio Grande do Sul, followed by the description of society's behavior in relation to Teachers, through media news. The work intends to show how the relationships were transformed and adapted by the teachers, and briefly follows Jan Masschelein and Maarten Simons when it comes to thinking about what makes the school a school, what is public and common, and about its place in the teaching/learning relationship, as well as how much it should be rethought in order to promote social equality. Important in all of this is to extol its importance as a place of learning, as a place where everyone present receives the same explanation from the teacher, where they can question and be answered. If until then the school was considered an important contributing factor to the fight against social inequality, at this time of the Pandemic, it showed how much it reduces differentiation through the socialization of students, teachers, the community and the teaching/learning relationship and the how much its absence increases the social divide.

Keywords: Autobiographical narrative; Geography; Covid-19 pandemic; Public school.

Agradecimentos

A Deus;

Por me mostrar que tudo é possível.

A família;

Por ter compreendido minhas razões em inúmeros momentos de lazer para os quais fui convidada e me fiz ausente.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

Por seu ensino público de qualidade.

Ao Prof. Nestor Kaercher;

Por incentivar meus estudos, mostrando-se muito mais do que um orientador, um amigo paciente e compreensivo.

Aos Professores Igor Rockenbach e Marcos Bohrer;

Que aceitaram o convite para constituir a banca examinadora.

Aos Professores do Curso de Geografia;

Por ensinamentos e indicações de leituras que foram importantes para compor esse trabalho.

A direção do Colégio Estadual Inácio Montanha representada pela Prof^a Maria Luísa Kircher;

Por compatibilizar meu horário de trabalho com estudos.

Ao Prof. Cesar Weinmann;

Por ter disponibilizado seus alunos em tempo e hora ao longo dos anos para que meus estudos pudessem ser realizados.

Aos meus ex-alunos;

Por suas participações, questionamentos e por compartilharem seus sonhos, muitos se realizando, dos quais sou testemunha.

Aos demais colegas do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

Pelo convívio, amizade e apoio demonstrado.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desse trabalho, o meu sincero agradecimento e o reforço da certeza de que nada se faz sozinho.

Lista de Figuras

Figura 1: Quando o presente é um ausente	
Figura 2: Linha de tempo da Pandemia	20
Figura 3: Suspensão das aulas	21
Figura 4: Blog do Colégio Estadual Inácio Montanha	23
Figura 5: Plataforma Escola RS	24
Figura 6: Visão Geral do Google Classroom	24
Figura 7: Letramento Digital	25
Figura 8: Google Sala de Aula	27
Figura 9: Plataformas Virtuais não se comunicam: trabalho dobrado para o Professor	28
Figura 10: Plataforma Escola RS – Professor	29
Figura 11: Movimentos Sociais pela volta às aulas presenciais	31
Figura 12: Manifestação em Porto Alegre pede às aulas presenciais	31
Figura 13: <i>“Não abrir escolas em 2021 é um crime contra a infância”</i> , diz pediatra	32
Figura 14: Percentual dos alunos que responderam ao diagnóstico dos estudantes	36
Figura 15: Diagnóstico dos estudantes	37
Figura 16: Possui acesso à Internet em casa?	37
Figura 17: Alunos com/sem acesso à Internet que responderam ao diagnóstico	38
Figura 18: Os dispositivos são de uso individual ou compartilhado?	38
Figura 19: Tem algum suporte familiar para ajudar nas tarefas escolares?	39
Figura 20: Seu meio de transporte para chegar à escola	40
Figura 21: Onde estão os alunos em dias de aulas presenciais?	42

Figura 22: Vista aérea da planta do Colégio Estadual Inácio Montanha	43
Figura 23: Aviso para os alunos: atendimento na janela	44
Figura 24: Quadra de jogos	45
Figura 25: Pátio da escola	46
Figura 26: Mensagem de um aluno	52

Sumário

1.	Introdução	12
1.	Objetivo geral	13
1.2	Objetivos específicos	13
1.3	Metodologia	14
1.4	Justificativa	14
2.	Alguns autores que me auxiliam	15
2.1	Desenvolvimento	16
3.	Docência em época de Pandemia	19
3.1	O público se impondo sobre a vida particular dos Professores: a Pandemia chegou	20
3.2	Professora na Pandemia: a sala de aula desapareceu	21
3.3	O trabalho burocrático cresceu muito	28
4.	Alunos na Pandemia: desmotivação	34
4.1	Ele não saiu: foi retirado pelo sistema	35
4.2	Diagnóstico dos alunos	36
5.	Retorno das aulas presenciais	42
6.	Considerações finais	48

Referências

Uma classe enrolada para presente: num lugar de ausentes.



Figura 1: Quando o presente é um ausente.
Fonte: da autora

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar esse escrito me coloco como sujeito desse processo ao expor minhas histórias, tecendo vivências ao trilhar o caminho dessa estudante de Licenciatura em Geografia durante a Pandemia de Covid-19, atuando como professora de Geografia do Ensino Básico.

Esclarecendo sobre a coexistência professora-estudante, destaco que me tornei professora de Geografia antes de, legitimamente, sê-la. Minha formação acadêmica foi em Licenciatura em Ciências Sociais em 2008/2 e posteriormente bacharelado com ênfase em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - em 2009/1, mas não trabalhava como socióloga. Era funcionária pública federal lotada na Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre – TRENSURB - optei por me exonerar (aos 50 anos) e aventurar me num contrato temporário no Magistério Público Estadual.

Não foi uma decisão fácil, pois implicava em largar a estabilidade profissional, numa idade “descartável” (palavras da chefia da empresa ao recusar minha exoneração) por uma escolha arriscada, mas eu queria ser professora desde criança, estar em sala de aula. Era como se eu nadasse contra a maré, enquanto muitos querem a estabilidade, eu estava contra isso, que na época chamei de acomodação, na qual eu me recusava a permanecer. Consegui um contrato emergencial com o estado do Rio Grande do Sul na primeira Coordenadoria de Educação para dar aulas de Sociologia na escola pública, cinco meses depois de ter me exonerado, aguardando o concurso do magistério 2012, o qual tinha edital publicado.

O edital mencionava que o diploma de Licenciatura em Ciências Sociais era aceito para trabalhar com Geografia e História. No início fiquei em dúvida, como pode o diploma da Licenciatura em Ciências Sociais servir para Geografia e para História? Questionei e me responderam que por se tratar da área das Ciências Humanas e suas tecnologias, era legal que o Licenciado em Ciências Sociais, o Licenciado em História e o Licenciado em Geografia ministrarem aulas dessas disciplinas.

Narro o momento de transição, de mudanças e de adaptações e na primeira parte dessa escrita, referente ao ano de 2020, onde os discursos

estavam pautados na premissa de que todos teriam direito a educação e que as escolas não deveriam fechar, porém as aulas foram suspensas, a realidade atropelou o plano. Continuando em 2021 a narrativa é sobre as aulas híbridas, historicizando o retorno às aulas presenciais.

Ao considerar as memórias que envolvem a narrativa, creio que a contribuição, amplia o horizonte de análise uma vez que resgata partes de uma história de vida ao expor a experiência docente vivida, como foi percebida, como foi transformada em palavras que futuramente serão interpretadas por quem ler sobre as vivências (durante o período da Pandemia de Covid-19) no contexto escolar.

O comportamento social se mostrou um conjunto dinâmico em transformação e, ao perceber a distância aumentando entre o que se mostrava tradicional e o novo que surgiu, possibilitou reconfigurar o presente, assim como conceber novos significados na docência. Ao identificar o papel de Professora sem sala de aula, tive que assumir o protagonismo da própria ação, modificando práticas, reeditando o exercício profissional.

1.1 OBJETIVO GERAL

Narrar como foi o exercício docente durante a Pandemia de Covid 19, durante o período de mudanças, que foi do mês de março de 2020 até setembro de 2021.

Contar como foi a adaptação do professor, dos alunos, da escola, do ensino remoto, da sociedade e do governo colocando-os no contexto histórico.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Problematizar o papel da sociedade e do governo do Estado do Rio Grande do Sul em relação ao exercício docente no período da Pandemia com as aulas remotas;

No que diz respeito aos alunos, de que forma se relacionaram com a aprendizagem e como lidaram com suas dificuldades;

No que concerne ao ensino, as mudanças nos processos que levaram o professor a adaptar-se às plataformas virtuais;

Por fim, referente ao governo, quais foram as ações direcionadas à educação realizadas no período.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia da investigação constitui uma narrativa que está pautada em dados autobiográficos que entrecruzam a Professora, a pesquisadora e a aluna, respectivamente em relação e sua prática profissional e a estudante de Licenciatura em Geografia a refletir sobre sua prática.

1.4 JUSTIFICATIVA

Escolhi escrever sobre a ação docente em época de Pandemia, porque considero importante mostrar o contexto escolar da prática docente, onde o lugar de análise é o interior do turbilhão de mudanças e adaptações que ocorreram durante esse período. É o lugar da fala de uma professora, pesquisadora e aluna (todas uma só), não é uma notícia, não é uma análise estatística de desempenho escolar, não é sobre o que foi feito “para...” e sim o que foi feito “em...” no que se refere a educação no olhar de quem estava vivenciando.

2 ALGUNS AUTORES QUE ME AUXILIAM

Nesse momento busco nas teorias algo que fundamente o que estamos vivendo como docentes. Até então, a escola era vista como um ambiente de aprendizagens neutro, não classificando ricos ou pobres, e que a ideia de aprendizagem ocorria para todos, desde que fossem retirados da desigualdade, e acolhidos por ela. E quando a escola desaparece?

Não há quem retire os alunos da diferença e, dialogando com Masschelein e Simons abordo a seguinte citação,

A escola, por outro lado, surge como materialização e espacialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os alunos para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 29).

Somente na escola os ambientes são acessíveis para todos, disponibilizados de forma igualitária, o que nos leva a entender o que faz uma escola ser uma escola, destacando a importância de si mesma e na sociedade, fundamentando a luta por sua conservação ao experimentar o sentimento de vazio quando ela não está no lugar. Se ela não está no lugar, todos os elementos que a compõe também não estão.

O ensino de agora não faz parte do mundo vivido até então, e será guardado na memória. Cada um usou dos meios que dispunha para participar do que foi chamado aula síncrona, assíncrona e híbrida. Estamos numa estranha escola, onde os alunos são avatares nas telas dos computadores. É um espaço escolar transformado em outro que funciona como um estranho, porque o espaço escolar durante a Pandemia de Covid-19 não é aquele que pertence a tradição, que é a escola e a sala de aula.

Essa estranha escola ocupa o espaço doméstico, tornando inexistente a linha que separa a vida pessoal do trabalho e não retira ninguém de lugar nenhum. Na configuração, em seu *lay-out* de processos, não existem mesas, nem quadro, nem o professor que, com sua voz, gestos e presença, invoca algo no mundo da sala de aula (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017), e isso desfavorece a construção de uma sequência lógica de aprendizagem e favorece a evasão escolar.

Com o que estamos lidando ao vivenciar salas de aula vazias?

Ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. As interações com os alunos não representam, portanto, um aspecto secundário ou periférico dos trabalhos dos professores: elas constituem o núcleo (...) a própria natureza dos procedimentos (Tardif, p. 118, 2014).

As salas que adentramos não representam um ambiente de trabalho, não existem interações, portanto, ao dialogar com Tardif, constatamos que falta o núcleo, o que leva a pensar nos elementos que a fazem ser como é nesse momento: Vazia. Com esse autor aprendi que os elementos constitutivos do saber docente estão relacionados com os alunos em sala de aula, com outros atores escolares e que o saber não é uma coisa que flutua no espaço, no sentido figurado de irresoluto, mas algo mais decisivo. Diante desse saber construído fora da sala de aula, os alunos mostraram-se hesitantes em falar sobre o que tinham aprendido.

É como se as tradições não obedecessem a nenhuma lógica, resultando numa tentativa contraditória de mantê-las, tornando-as incompatíveis com o que se observa nesse momento. Ao desfrutar desse novo cenário, os professores têm que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca dos significados do seu trabalho e com a dificuldade crescente de estar à altura do desafio (SIBÍLIA, 2012). No que se refere aos significados do seu trabalho, os professores conseguem fazer com que seus alunos se entendam como sujeitos relacionados aos conhecimentos, se apropriando deles?

2.1 DESENVOLVIMENTO

Aos professores foram atribuídas muitas críticas, principalmente pelos problemas escolares. Acompanham a narrativa, notícias da imprensa sobre escolas, informações que ilustram as ações da sociedade em clamor pela volta às aulas presenciais em meio a Pandemia. Nesse contexto com argumentos de todos os lados, o que destaco é a demonização do professor, num momento em que a carga de trabalho triplica, o professor passa a representar aquele que não quer trabalhar, pois não quer voltar para a escola - como se só trabalhasse lá.

Destaco que a sociedade esqueceu que a casa do professor desapareceu junto com a escola e que ele também não tem onde refugiar-se desse turbilhão

de mudanças e que está com uma carga de trabalho que vai além dos objetos de conhecimento da disciplina escolar, ou seja, além de trabalhar os conteúdos disciplinares do Livro Didático.

Subitamente passamos do público para o privado ao trazermos a sala de aula para nossa casa, e junto dela, os alunos, suas famílias, seus animais de estimação e alguns sons do cotidiano deles a exemplo do carro do ovo repetindo “20 por 10, 20 por 10”, do caminhão do gás com suas buzinas e “olha o gás, olha o gás” e a carroça da verdura ao som de uma vuvuzela. Sons esses, acompanhados de pedidos de desculpas por parte de alunos visivelmente envergonhados e advertências de outros alunos para que desligassem seus microfones. Lidar com essas situações, vai além do silencioso Livro Didático dos conteúdos de Geografia. Trata-se de uma outra Geografia.

Os professores trouxeram para seu espaço particular, a escola, os alunos e toda sua estrutura educacional precária, assim como as mazelas sociais, enfatizando uma relação controversa de poder, pois depende de nós professores, mantermos os pilares da sociedade através dos nossos papéis sociais resignificando o papel da escola docenciando fora dela, sem nenhum benefício financeiro para tal empreitada. Nesse sentido, refiro-me ao papel social do Professor como aquele que, mesmo sem escola e sem sala de aula, tem que continuar atuando como um Professor.

Ao longo desse período não existiu manifestação do governo para custear o acesso à internet, que foi mantido pelos professores e pelas famílias dos alunos nas suas casas e nos seus celulares, muitas vezes compartilhado pela família como único recurso para aulas virtuais, sendo mais um problema a ser enfrentado.

Nesse contexto, surge algo positivo, e correntes de solidariedade se formaram entre professores para arrecadar alimentos e distribuir entre pares e nas escolas aos menos favorecidos. Livros didáticos, materiais escolares e de higiene foram distribuídos para amenizar as carências das comunidades. Então, se por um lado a sociedade se mostra hostil com os professores, eles se uniram durante a Pandemia com propósitos além dos educativos. Se organizaram para coletar doações, professoras costuraram máscaras, enfim, a classe demonizada

foi sensível e praticou ações solidárias, não só entre pares, mas com as comunidades envolvidas.

No início da Pandemia, como meio de comunicação inicial entre alunos e, professores, foi criado – pela vice direção - o blog da escola, circunstancialmente a forma de conexão possível. A regra era de passar atividades para os alunos. Não demorou para que chegassem e-mails de pais reclamando da sobrecarga de tarefas repassadas aos filhos, que não tinham impressora, que os filhos gastavam o pacote de dados por conta de vídeos usados como material pedagógico, enfim, de acesso ao mundo virtual, problemas que não eram exclusivos deles, pois incluía os dos professores.

Ouso mencionar uma relação de semelhança do papel social do professor durante a Pandemia da Covid-19, com a música intitulada Geni e o Zeppelin¹, de Chico Buarque, lançada no ano de 1978, no que se refere a condenação pela sociedade. A classe dos professores, que ao longo dos anos vem brutalmente desvalorizada, é conclamada a voltar às escolas, pois a passagem pela Pandemia mostrou que a sociedade ficou sem consistência, pais alegam que precisam trabalhar, psicólogos enfatizam que crianças necessitam de convívio social para suas formações e segmentos que fazem parte da logística do transporte escolar alegam irrecuperáveis prejuízos no incerto cenário da Pandemia. Atribuem as responsabilidades a quem? Aos professores que não querem trabalhar. Se os professores se negam a voltar para as escolas, o fluxo é prejudicado e assim a sociedade como um todo, conforme a música, caminha para a inconsistência até virar geleia, pois tem ameaçada sua estrutura.

¹ Significado de Geni e o Zepelim

Na década de 70, o Brasil vivia sob o Regime Militar e ainda estava em vigor o Ato Institucional Número 5, que marcou o auge da censura no país. Nessa época, Chico Buarque ficou conhecido por enfrentar a repressão e se posicionar abertamente contra a censura em suas composições, ao lado de vários outros artistas. Esse sentimento se manifestava em canções sobre problemas sociais e opressão, como é o caso de Geni e o Zepelim e da peça teatral *Ópera do Malandro*. Zepelim é um tipo de dirigível feito com material rígido criado na Alemanha, que foi muito usado para fins militares e para transporte de passageiros sobre os oceanos na década de 30. A música enfatiza a relação controversa de poder. O último refrão é idêntico ao primeiro, demonstrando que as coisas voltaram a ser exatamente como eram antes. Agora que Geni não tinha mais nenhuma utilidade, a cidade volta a tratá-la com o mesmo desprezo. É essa a conclusão da história, que faz com que muitos a entendam como uma crítica à hipocrisia da sociedade.

3 DOCÊNCIA EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Segundo notícia do Ministério da Saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 11 de março de 2020, que a Covid-19, causada pelo novo coronavírus é uma Pandemia. Pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Ao observarmos a linha de tempo com as primeiras notícias sobre a Pandemia no Brasil, percebemos que em fevereiro de 2020, foi assinada uma portaria pelo então Ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, declarando que havia emergência em saúde pública de importância nacional em decorrência de infecção humana pelo novo coronavírus, mas no Brasil não existia nenhum caso.

Depois de 22 dias, surgiu o primeiro caso e na primeira quinzena de março, foi declarada a Pandemia pela Organização Mundial da Saúde, um dia após termos o primeiro caso no Estado do Rio Grande do Sul, que foi em Porto Alegre. Nesse contexto, as aulas iniciaram dia 16 de março e foram suspensas pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul, dois dias depois. Não tivemos aulas, o ano letivo de 2020 não iniciou.

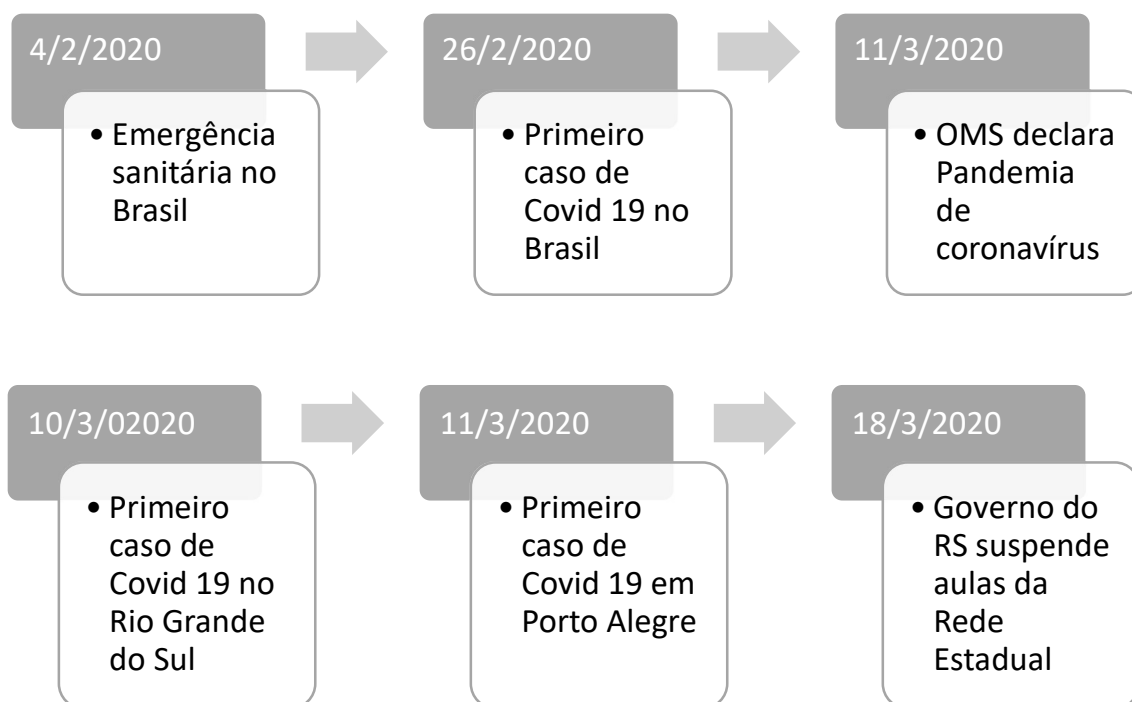


Figura 2: Linha de tempo da Pandemia
Fonte: da autora

3.1 O PÚBLICO SE IMPONDO SOBRE A VIDA PARTICULAR DOS PROFESSORES: A PANDEMIA CHEGOU

Ainda dentro de uma aparente normalidade a primeira aula presencial foi marcada para 16 de março de 2020. Como habitual, uma reunião foi marcada na escola na semana anterior, para tomarmos conhecimento das turmas de cada professor, do tempo de duração de períodos, dos métodos de avaliação e uma breve explanação sobre o primeiro caso de Covid-19 no Brasil notificado em 26 de fevereiro.

Nos encontramos com os alunos no pátio da escola e presenciamos abraços, reencontros e nos apresentamos. O clima era de reinício, de renovação. Quando estávamos nos dirigindo, com os alunos, às salas de aula, veio a determinação: Aulas suspensas até segunda ordem. Como assim? Ir para casa?

Governo do RS suspende aulas da rede estadual a partir desta quinta devido ao coronavírus

Decreto com as informações sobre a suspensão das aulas deve ser publicado até esta terça (17). Secretaria de Educação vai orientar as escolas.

Por G1 RS

16/03/2020 13h01 · Atualizado há um ano



Figura 3: Suspensão das aulas

Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/16/governo-do-rs-suspende-aulas-da-rede-estadual-a-partir-desta-quinta-devido-ao-coronavirus.ghtm>

Divulgaram na segunda-feira (16/03/2020) que oficialmente nenhuma escola deveria funcionar a partir da quinta-feira (18/03/2020), mas as escolas fecharam as portas assim que foi publicado o anúncio do Governo no início da tarde. Creio que, assim como eu, todos pensávamos que seria uma breve parada e que logo retornaríamos. A Covid-19, que nem tinha nome ainda era descrita como uma pneumonia e aparentava estar distante de nós brasileiros, era o que pensávamos, mas não era assim tão simples. Um vírus mortal estava a caminho e mais uma vez a vida nos atropelava.

3.2 PROFESSORA NA PANDEMIA: A SALA DE AULA DESAPARECEU

A partir do momento em que as aulas foram suspensas, os docentes tiveram que dar uma nova configuração ao contexto mais íntimo de uma pessoa (seu próprio lar), porque deixou de ser seu e transformou-se em sala de aula. O novo modo de trabalhar exigiu que fosse adaptado às mudanças. A rotina exigiu horas dedicadas a responder e-mails, mensagens de Whatsapp, transformando a dinâmica de funcionamento da casa.

Ambientes domésticos foram transformados em ambientes escolares, sem barulhos, iluminação adequada, plaquinha na porta e desconexão de telefones e interfones. Nada podia invadir o espaço da sala de aula virtual. Quanto ao modo de trabalhar, o professor tornou-se dependente da tecnologia. Sem energia elétrica nada acontece, sem o cabo de fibra ótica também, além de computadores com aplicativos que satisfaçam as necessidades do trabalho

remoto. O computador de uso pessoal passou a ser instrumento de trabalho insubstituível para planejar aulas e operá-las, para se comunicar com os alunos, seus pais, escola e atender aos cursos ministrados pela Secretaria de Educação do Estado. Em comodato, foi disponibilizado um Chromebook², mas sem memória e com uma única entrada USB, o que exigiu a compra de adaptadores periféricos, por conta dos professores.

Eu estava cursando três disciplinas da graduação em Licenciatura em Geografia, estava finalizando minha Dissertação de Mestrado, enviando atividades para serem postadas no blog (nem todas foram disponibilizadas) e fiquei sujeita a participar dos cursos de formação impostos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, parecia que dar conta de tudo era impossível e os dias ficaram curtos.

O Curso de Letramento Digital comportou vídeos bastante longos, mais de duas horas de duração que precisava assistir, e atividades pertinentes a cada aula, com o uso de mais de uma hora para serem elaboradas.

Uma das disciplinas do semestre ficou para depois, contra minha vontade, mas a exaustão estava à espreita. A ideia aqui, não é me vitimizar com isso, mas deseja-se mostrar o quanto foi difícil, ainda está sendo, exercer o ofício de professor durante a Pandemia.

Das dificuldades e desafios, também se retiram aprendizados e destaque que a necessidade de se adaptar foi o maior deles. As práticas docentes se modificaram, tiveram que se ajustar para se acomodarem à nova situação.

Tradicionalmente, com exceção dos cursos EAD, professores da Educação básica trabalhavam numa escola, numa sala de aula, enfim, dentro da estrutura escolar. Um início de ano letivo estranho, mas estava longe de imaginar que caminharia pelo desconhecido nos próximos meses. Com as aulas suspensas, alguns dias depois, foi criado, pela direção, um blog da escola onde os alunos teriam acesso às informações e devoluções das tarefas. O acesso é o link <https://atividadesdomiciliaresim.blogspot.com>, encontra-se ativo, mas foi recomendado não ser usado após o acesso às plataformas virtuais que ampliam

² Os Chromebooks são um novo tipo de computador projetado para ajudar você a realizar tarefas de modo mais rápido e fácil. Eles executam o Chrome OS, um sistema operacional que tem armazenamento em nuvem, traz integrado o melhor do Google e tem diversos níveis de segurança.

as possibilidades de interação não oficial com os alunos, que passou a ser o Google Classroom.



Imagem 4: Blog do Colégio Inácio Montanha
Fonte: <https://atividadesdomiciliaresim.blogspot.com/>

Anterior ao Classroom, logo após a suspensão das aulas, foi combinado que os professores enviariam tarefas para o e-mail da direção da escola, que se encarregariam de disponibilizar no blog e que os alunos devolveriam as atividades diretamente para os e-mails dos professores.

Surge a primeira das inúmeras inquietações como professora: de que modo dar atividade se nem dei aula? São ingressantes no Ensino Médio, vieram do Ensino Fundamental e não conversei com eles sobre Geografia, sobre o que aprenderam, sobre o que esperam e almejam. Não existia conexão e caberia a mim construí-la. O processo seria: planejar uma atividade, enviar para o e-mail da direção, eles colocariam no blog e eu aguardaria as respostas no meu e-mail pessoal, como descrito antes.

Eu era professora de Geografia Física de turmas da primeira série do Ensino Médio – onde se estuda Geografia Física, conforme tradição de antigos professores da disciplina – sem saber o número de alunos, pois as turmas não haviam sido organizadas e recebi 15 questionários respondidos. Supunha ter em média uns 200 alunos, pois eram 6 turmas.

Nesse contexto, foi criado um banco de dados denominado Escola RS, para que os alunos e professores tivessem um endereço eletrônico vinculado ao Google Classroom que é o ambiente das aulas virtuais, possibilitando dar continuidade ao ano letivo de 2020 de forma remota.

Plataforma Escola RS - Educar

IMPORTANTE!

Queridos alunos, estamos na fase de vinculação dos alunos junto ao Google Classroom, porém é necessários que todos os alunos façam seu primeiro acesso com o @educar... Pois esse login é o meio de vinculação dos alunos nas turmas..

NÃO É NECESSÁRIO CÓDIGO DA TURMA

A SECRETARIA DA EDUCAÇÃO VINCULA AUTOMATICAMENTE OS ALUNOS NAS TURMAS

Caso tenham dificuldades no primeiro acesso, mandem e-mail para estudos.inacio@gmail.com até dia 03/06, com o nome completo e data de nascimento, para ver se podemos auxiliar, caso não tenhamos sucesso, deverá ser enviado e-mail para o suporte do @educar (suporte01cre@educar.rs.gov.br).

As aulas serão realizadas pelo Google Classroom, por isso agilizem seus cadastros dos novos e-mails @educar.

Figura 5: Plataforma Escola RS

Fonte: <https://atividadesdomiciliaresim.blogspot.com/p/plataforma-educar.html>

No princípio, a ideia sobre essa plataforma era de que seria a única a trabalhar, mas não se tratava de uma plataforma interativa, e sim de um banco de dados onde os alunos consultariam suas notas e os professores registrariam faltas, avaliações e diários de classe. Surgiu outra plataforma, o Google Classroom, mas exigia um curso de Letramento Digital.

Letramento Digital capacita para uso do Google Sala de Aula a partir desta segunda (27)

Encontros ocorrem de segunda a sábado, com aulas ao vivo e gravadas, até dia 2 de outubro

Publicação: 27/07/2020 às 12h35min



LETRAMENTO DIGITAL
MÓDULO CLASSROOM PRA QUE TE QUERO

27/07/2020 - 14h - Segunda-feira
www.youtube.com/tvseducrs

CLASSROOM PRA QUE TE QUERO

AULA ON-LINE

SALA DE AULA COM O
GOOGLE CLASSROOM
VISÃO GERAL

Google

Encontros ocorrem de segunda a sábado, com aulas ao vivo e gravadas, até dia 2 de outubro - Foto: Seduc

Figura 6: Visão geral do Google Classroom

Fonte: https://educacao.rs.gov.br/upload/recortes/202007/27112611_292834_GD.jpeg

Fui comunicada sobre o curso de letramento digital que deveria ser realizado para capacitar os professores a trabalhar com aulas remotas. No princípio, existia a pressão de que a participação estava atrelada ao salário, quem não participasse do curso teria seu salário cortado.

Para cada aula, precisaria de 3 horas, 2 horas para assistir aos vídeos e 1 hora para realizar atividades, de segunda a sábado. De 27 de julho a 2 de outubro. Só tenho uma definição para esse contexto: enlouquecedor. Exigiram dos Professores, em meio a esse contexto, 180 horas de dedicação do final de julho ao início de outubro. O curso foi disponibilizado em vídeos do youtube. Para cada aula, foi fornecido um certificado, o que entendo como forma de controle por parte da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

Letramento Digital

Para que todos estejam preparados para as Aulas Remotas, a Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul realiza capacitações para utilização da plataforma Google Sala de Aula e das ferramentas do Google for Education com os professores da Rede Estadual de Ensino.

A iniciativa compõe o modelo híbrido de ensino, que também compreende as aulas presenciais. A capacitação visa fornecer aos professores o conhecimento para a preparação de aulas no formato não presencial. As transmissões ocorrem sempre pela página da Seduc no Facebook e no canal do Youtube TV Seduc RS.

Estratégias para as Aulas Remotas

Professora Raquel Ribeiro

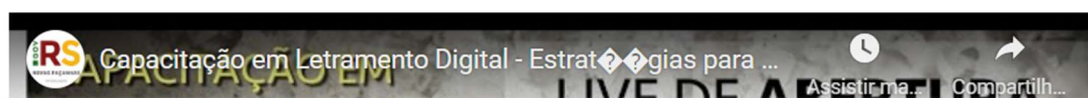


Figura 7: Letramento Digital

Fonte: <https://escola.rs.gov.br/letramento-digital>

Iniciaram as aulas de Letramento Digital e ao final de cada uma delas, tínhamos que realizar uma atividade que valia o Certificado de Participação com registro direto no banco de dados da Secretaria da Educação. Diante das afirmativas que seria um curso obrigatório, não restava escolha senão a de ficar mais de duas horas diante de vídeos nem sempre interessantes ou pertinentes a minha área de atuação. Analisando as aulas listadas adiante, percebe-se que não existiram de Ciências Humanas.

Estratégias para as Aulas Remotas
Tecnologias para Educação Inclusiva
Educação Midiática para Cidadania Digital
Tecnologias Educacionais para Anos Iniciais
Tecnologias Educacionais na Prática
Orientações sobre a Matriz de Referência
Por dentro do Google Sala de Aula - Ferramentas e Possibilidades
Letramento Digital - Aula 01 (Visão Geral do Google Sala de Aula)
Letramento Digital - Aula 02 (Gestão da Conta Educacional)
Letramento Digital - Aula 03 (Aulas Síncronas com Google Meet, Agenda e Jamboard)
Letramento Digital - Aula 04 (Primeiros passos com o Google Sala de Aula)
Letramento Digital - Aula 05 (Explorando recursos do Google Sala de Aula)
Letramento Digital - Aula 06 (Realizando pesquisas com o Google Formulários)
Letramento Digital - Aula 07 (Avaliações com o Google Formulários)
Letramento Digital - Aula 08 (Arquivos na Nuvem - Google Drive)
Letramento Digital - Aula 09 (Criando Exercícios e Materiais Didáticos com o Google Documentos)
Letramento Digital - Aula 10 (Criando Aulas Incríveis com o Google Apresentações)
Letramento Digital - Tira-Dúvidas 11 (Manipulando Cálculos com o Google Planilhas)
Letramento Digital - Aula 12 (Mais Recursos do Google Documentos)
Letramento Digital - Aula 13 (Mais Recursos do Google Apresentações)
Letramento Digital - Aula 14 (Mais Recursos do Google Formulários)
Letramento Digital - Aula 15 (Mais Recursos do Google Classroom)
Letramento Digital - Aula 16 (Atividades Gamificadas)
Letramento Digital - Aula 17 (Aprendizagem baseada em problemas)
Letramento Digital - Aula 18 (Sala de aula invertida e STEAM)
Letramento Digital - Aula 19 (TICs Educacionais - Língua Portuguesa)
Letramento Digital - Aula 20 (TICs Educacionais - Língua Estrangeira)
Letramento Digital - Aula 21 (TICs Educacionais - Arte)
Letramento Digital - Aula 22 (TICs Educacionais - Educação Física)
Letramento Digital - Aula 23 (TICs Educacionais - Ciências da Natureza, Química, Física e Biologia).

Completei o curso, que a princípio soava como obrigatório, depois fui informada que não estava atrelado ao salário. As aulas de Letramento Digital se estenderam por meses, assim como as atividades para o blog da escola. Como

escrevi anteriormente, aprendi coisas muito interessantes, mas minha condição não era a de desconhecimento sobre o uso de Plataformas Digitais, uma vez que alguns anos antes havia estudado Informática e cheguei até o curso de Programador em Linguagem C++, o que favoreceu o desenvolvimento do meu trabalho docente, auxiliando meus pares.

O Estado demorou em cadastrar alunos e professores, simultaneamente ao desenvolvimento do curso de Letramento Digital, e ao tentar acesso as plataformas digitais, não obtinha sucesso. Foram dias de muita apreensão, pois se por um lado, os alunos, o governo e a sociedade queriam as aulas virtuais, por outro, os professores não conseguiam acessar as plataformas interativas. Quando conseguimos o acesso, muitos colegas tiveram dificuldade ao operá-lo. A Sala Virtual dos Professores, virou sala de aula sobre como usar o Google Classroom, colegas ajudavam colegas sobre um ou mais aplicativos e planilhas eletrônicas. Foi um momento de interação, de trocas positivas, o que serviu para atenuar as apreensões e aproximar os professores. Nessa circunstância, consegui terminar de escrever minha dissertação, defendê-la e ser aprovada.

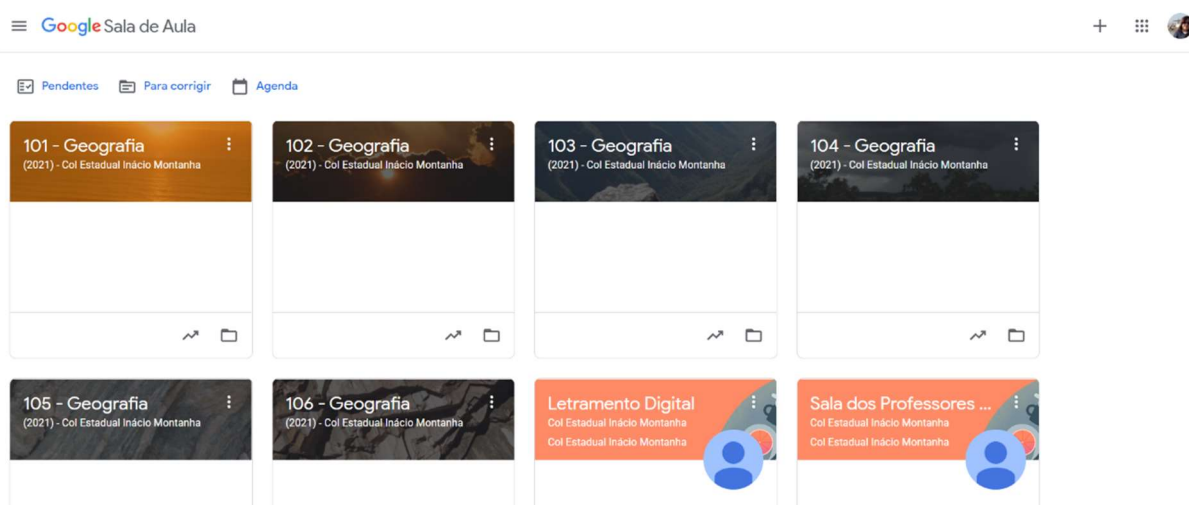


Figura 8: Google Sala de Aula
Fonte: <https://classroom.google.com/h>

A imagem mostra a plataforma interativa entre Professores e alunos no Google Classroom. Aparecem as turmas de cada professor e o acesso aos vídeos do Letramento Digital, assim como a Sala dos Professores.

3.3 O TRABALHO BUROCRÁTICO CRESCEU MUITO

No início do ano letivo de 2020, recebemos um calendário trimestral³, mas no decorrer dos meses, modificaram para semestral. Após o término do primeiro semestre em 18 de julho de 2020, eu não sabia o que fazer com as notas dos alunos e fui informada que deveria digitá-las em outra plataforma que não era do Google Classroom, depois de ter digitado todas as notas nas planilhas do Google Form. Era para digitar naquele banco de dados do Estado que nos foi apresentado em meados de maio de 2020 chamado **Escola RS – Professor**, o que caracterizou como retrabalho.

Nesse momento entendi que eram duas pontes virtuais: uma entre mim os alunos e outra com o Estado. As plataformas não conversavam entre si, não tinha como importar notas de maneira automática, o que exigia a digitação de uma a uma das atividades, uma a uma das notas de cada aluno, o diário de classe e as chamadas desde março de 2020. Foram 4 atividades avaliativas, uma prova trimestral e uma prova de recuperação, ou seja, 6 notas por aluno e aproximadamente 210 alunos compunham meu público. Total de dados: \cong 1260 registros.

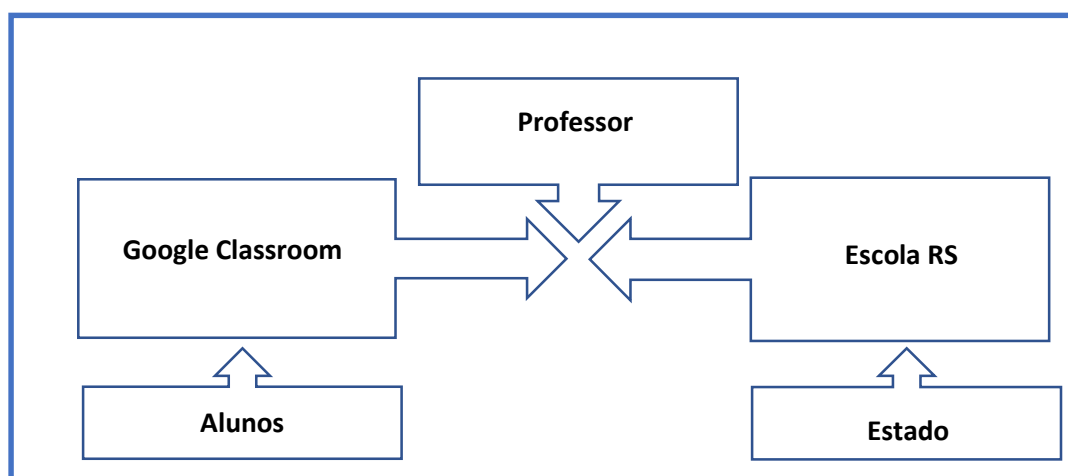


Figura 9: Plataformas Virtuais não se comunicam: trabalho dobrado para o professor
Fonte: da autora

³ Art. 1º Ficam estabelecidas neste Decreto as normas gerais relativas ao calendário escolar da rede estadual de ensino para o ano letivo de 2020. Art. 2º O ano letivo de 2020 dos estabelecimentos da rede estadual de ensino será desenvolvido de acordo com o seguinte calendário: I - formação continuada: dias 17 de fevereiro, 27 de março, 20 e 21 de julho e 21 de outubro; II - início do ano letivo: dia 18 de fevereiro; III - férias discentes: de 20 de julho a 2 de agosto; IV - 1º semestre: de 18 de fevereiro até 18 de julho; V - 2º semestre: de 3 de agosto até 16 de dezembro; VI - 1º trimestre: de 18 de fevereiro até 26 de maio; VII - 2º trimestre: de 27 de maio até 9 de setembro; VIII - 3º trimestre: de 10 de setembro até 16 de dezembro; IX - encerramento do ano letivo: dia 16 de dezembro; e X - exame final: dias 17 e 18 de dezembro.

Somado aos registros, a descrição dos objetos de conhecimento também tinha que ser incluída no diário de classe. O impasse estava em realizar a tarefa em caráter de urgência, pois precisava encerrar o semestre que constava como aberto no controle do Estado, e os pais estavam a reclamar que não sabiam as notas dos filhos, que tinham direito a isso e na escola ninguém atendia ao telefone. E-mails não paravam de chegar, tanto dos pais quanto de alunos. Todos queriam informações e cabia aos professores darem as respostas. Me sentia bastante desconfortável com o contexto, estava envolvida com os alunos o tempo todo, finais de semana desapareceram, me via respondendo e-mails de madrugada e, surpreendentemente alguém perguntava outra coisa, assim que eu enviava uma resposta. Se queriam saber sobre a nota e eu respondia, imediatamente questionavam: por que essa nota? Foi um verdadeiro exercício que exigia mais do que paciência.

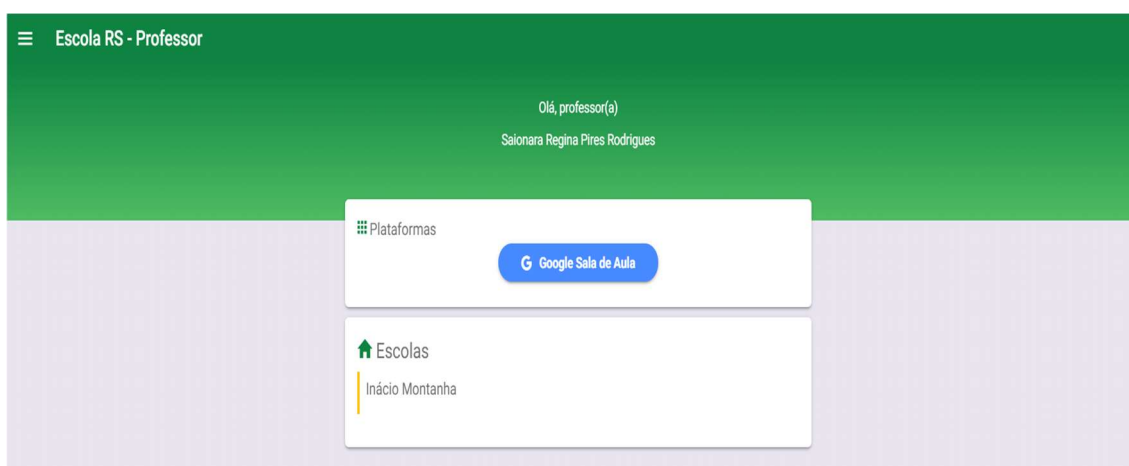


Figura 10: Plataforma Escola RS – Professor
Fonte: <https://secweb.procergs.com.br/ise-mobile/>

Diante de muitas reclamações, as gestoras escolares se organizaram para atividades presenciais em meio a Pandemia e servidores fizeram regime de plantão para atender os servidores da Secretaria de Educação do Estado, os pais e quem mais procurasse a escola. Toda a rotina da instituição foi ativada, com exceção das aulas presenciais. Para que as aulas presenciais retornassem, tinha que formalizar através da constituição do COE⁴ instituído pelo Decreto Estadual nº 55.240, de 10 de maio de 2020: onde definia o Modelo de

⁴ <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/distanciamento-controlado-educacao.pdf>

Distanciamento Controlado, estruturado a partir de discussões e contribuições de Órgãos de Controle, Entidades Educacionais, Estabelecimentos e Cidadãos. Esse grupo deveria construir um Plano de Contingência para prevenção, monitoramento e controle da transmissão de COVID-19 nas instituições com mais de 100 pessoas, considerando alunos, professores e funcionários. Não foi formado na escola, pois não houve quem se dispusesse a participar de tamanha responsabilidade, além das que já tínhamos, incluindo o trabalho triplicado.

Sem o COE, a escola funcionava parcialmente em regimes de plantão, somente com os serviços burocráticos da Secretaria, de março a dezembro de 2020, os professores trabalhavam em casa com as aulas remotas. As aulas virtuais começaram a ganhar forma, mas não existia participação dos alunos, então estavam incompletas. Foram disponibilizados horários alternativos e gravação de vídeo-aulas para que todos pudessem acessá-las nos momentos que lhes fossem propícios. Uma vídeo aula exige maior tempo de preparação, pois além do material a ser apresentado, tem o vídeo. Questionados sobre as vídeo aulas, se haviam assistido as explicações, se tinham perguntas, a maioria dos alunos respondeu que não as assistia, assim como não liam o material disponibilizado em .PDF. No princípio, pensei que era positivo disponibilizar aulas gravadas, que acessariam quando lhes aprovesse, até mais de uma vez para entenderem bem as explicações, mas os resultados foram nefastos e constatei isso quando relataram que não assistiam o que gerou frustração.

Em meados de agosto era somente um horário de aula síncrona em tempo real (gravada) com todos os alunos das primeiras séries reunidos nas segundas-feiras das 9 horas ao meio-dia. Eles escolheram o dia e o horário e isso foi possível porque as outras disciplinas estavam sendo trabalhadas com vídeo aulas disponibilizadas pelos professores. Nem todos os professores conseguiam dar aulas virtuais “*real time*” por diversos motivos, e um deles é não ter nenhum aluno presente na sala virtual o que os levou a desistirem da aula em tempo real. A opção por gravar e disponibilizar as aulas foi a melhor solução encontrada para aquele momento, mas não eram assistidas. Frustrante.

Nesse contexto, a pressão da sociedade pela volta às aulas presenciais foi grande e os professores eram vistos como acomodados em casa sem querer voltar ao trabalho.

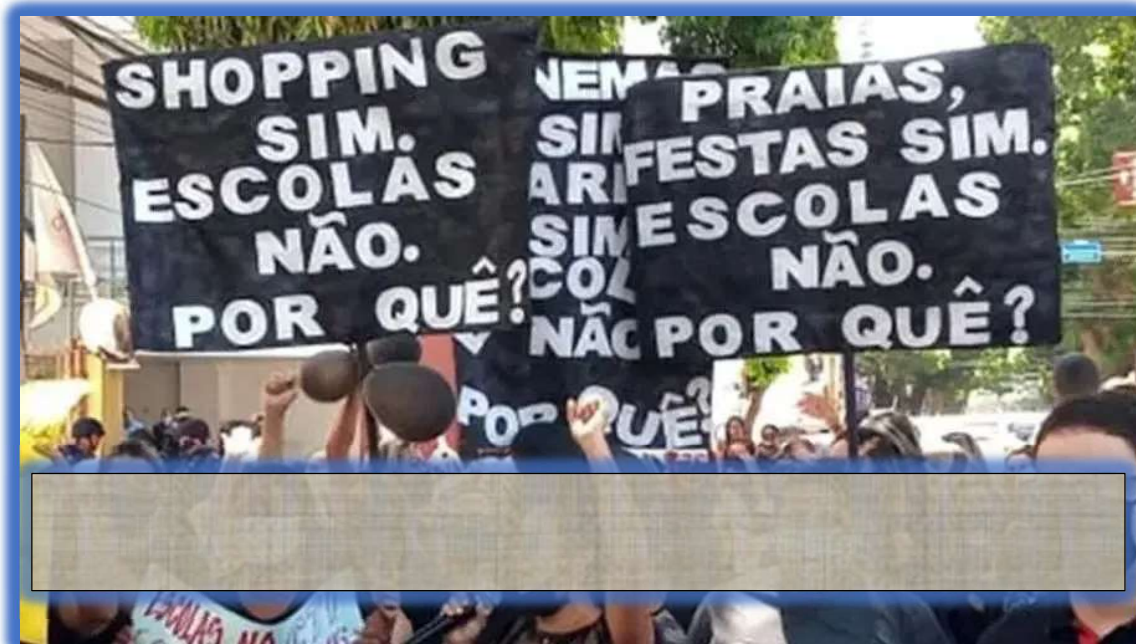


Figura 11: Movimentos sociais pela volta às aulas presenciais

Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/wp-content/uploads/2020/08/protesto-1.jpg>

As notícias relatavam protestos da sociedade pedindo aos governantes que abrissem as escolas, os donos de creches e os empresários de transporte escolar defendiam que precisavam trabalhar, e estavam aliados aos pais que entendem a escola como lugar de depósito de criança, e professores como profissionais que não contribuem para o sistema produtivo, por isso acomodados: ficando em casa sem trabalhar (?).

BAIRRO BELA VISTA

Manifestação em Porto Alegre pede retorno às aulas presenciais

Neste domingo, Justiça reafirmou suspensão das atividades dentro das escolas do RS

25/04/2021 - 16h30min
Atualizada em 26/04/2021 - 17h56min

COMPARTILHE:   

Figura 12: Manifestação em Porto Alegre pede retorno às aulas presenciais

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2021/04/manifestacao-em-porto-alegre-pede-retorno-as-aulas-presenciais-cknxjwoke001g016uu535fjg5.html>

Surgiram vozes de todos os lados, especialistas comportamentais alegando que a falta de convívio escolar traria danos irreversíveis ao processo de formação. Notícias de crianças e adolescentes entrando em depressão por não ter escola para frequentar atribuindo aos professores o resultado dessas mazelas sociais. Além disso, magistrados também foram demonizados, por manterem a suspensão das aulas por questões de segurança sanitária.

O povo questionava sobre os *shoppings* abertos e as praias liberadas, comparando às escolas fechadas. Muitos discursos controversos dirigidos aos culpados que eram os professores, não aos governantes nem aos negacionistas das ciências, nem aos líderes religiosos que aglutinavam fiéis em rituais ocultos.

'Não abrir escolas em 2021 é um crime contra a infância', diz pediatra

Grupo liderado pelo especialista Daniel Becker lança campanha pelo ensino presencial. Segundo ele, é preciso 'acabar com a ficção de que escola é um lugar perigoso' durante a pandemia



Renata Cafardo

2 dez 2020 14h11 | atualizado às 23h28

[ver comentários](#)

Figura 13: "Não abrir escolas em 2021 é um crime contra a infância", diz pediatra

Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/nao-abrir-escolas-em-2021-e-um-crime-contra-a-infancia-diz-pediatra,a3064b68f43ba91cd6acef5000c0cc1fb60fxh62.html>

Neste cenário de que os Professores não queriam trabalhar atendíamos grupos de Whatsapp e páginas de Facebook de turmas, fazíamos uso de aplicativos das redes sociais e ambientes virtuais, cursos de letramento digital e esse conjunto objetivava a busca pela interação entre alunos, professores, escola, sociedade e governo. No princípio suportável, mas como professora, me vi recebendo mensagens de madrugada, respondendo e-mails nos finais de semana em todos os turnos e com meus pares, a situação era semelhante.

E a referência aqui não é só em relação aos alunos, mensagens vinham de toda parte: da escola, dos pais, da gestão da escola, do governo e dos colegas que precisavam de ajuda para lidar com as tecnologias. Sobrecarga para os Professores, mais uma vez.

Nessa etapa da escrita referente ao ano de 2021, depois de transpor as dificuldades iniciais pertinentes ao ano de 2020 e de vagar no desconhecido foi possível compreender que a falta de comunicação, tornou precário o papel docente e o baixo desempenho escolar dos alunos. Aparentemente o ensino virtual ganhou uma nova forma e passou, de fato, a ser híbrido com o retorno das aulas presenciais onde o volume de trabalho foi e é intenso, mas adaptado ao longo dos meses, agora mostrando claramente que a sala de aula, o professor, as gentes da escola e a escola, são indispensáveis para algumas parcelas da sociedade, principalmente as mais desfavorecidas.

4 ALUNOS NA PANDEMIA: DESMOTIVAÇÃO

Quando eu estava com pleno acesso ao Google Classroom, interrompi as postagens das atividades simplistas no blog e realizei minha primeira aula virtual já com as turmas definidas. Imaginava que teria salas cheias, mas não tive. Eram 5 ou 6 alunos por turma. Apáticos, sem abrir câmeras, sem falar nada nem quando perguntados. Por vezes, a impressão era que só eu estava ali com os avatares divinos tentando dar aulas de Geografia para mim mesma.

Os alunos viraram avatares na tela do computador e a escola passou a existir no espaço da minha casa. Refiro-me aqui a avatar como uma imagem que parece um ser divino, usada no lugar das fotos dos alunos no ambiente virtual. Nesse contexto, muitos estudantes ficaram a margem do ensino, o que contraria o papel da escola como uma instituição republicana que defende o interesse de todos, agravando as diferenças. Não era escola, eram nossas casas. Não eram salas de aulas, eram nossos computadores e celulares.

Quando os alunos começaram a interagir, as primeiras manifestações foram de integrar às aulas o que era importante para eles. Mostraram seus animais de estimação, seus cadernos e alguns familiares. Fiz o mesmo: mostrei meus gatos e meus cadernos. Fomos nos aproximando nesse universo virtual e aos poucos trabalhando Geografia, mas uma Geografia diferente, onde os objetos de conhecimento não eram os conteúdos dos arquivos em PDF que eu tinha disponibilizado. Isso ficava nas entrelinhas, pois nessa relação, pareceu que a atenção maior estava em nos aproximarmos, mais do que os alunos com a Geografia Escolar, mais do que com a aula que havia planejado. Qualquer som diferente dispersava, ou seja, o “carro do ovo” competiu severamente com as aulas virtuais. Era o cachorrinho que latia, o gato que passava correndo, a mãe que vinha dar um “oi” na tela, enfim, muitos elementos que, em conjunto, colocaram a Geografia nas entrelinhas, pois nossas aulas ficavam cheias de lacunas. O que eu tinha planejado, acontecia de forma precária, mas eu precisava dar espaço aos alunos. Essa foi a forma de nos aproximarmos.

Percebi que alguns alunos estavam na aula virtual por obrigação, pois mostravam-se bastante desmotivados, sem participar das aulas, sem responder perguntas, totalmente calados. Até que desapareceram. Pouco consegui com os alunos que pareciam desmotivados.

4.1 ELE NÃO SAIU: FOI RETIRADO PELO SISTEMA

Alunos que estavam participando da aula virtual eram transformados em mensagens “fulano saiu da reunião”. Conexão rompida ou pacote de dados que chegou ao limite (?). Celulares de uso compartilhado com irmãos viraram brigas ao vivo e perguntas: *como vou estudar assim? Professora, não tenho como imprimir isso nem ir ao colégio buscar porque não recebemos o Vai à escola*⁵.

Diante desses acontecimentos e nessa situação, como manter a motivação dos alunos? Percebi que quanto mais tensa ficava a aula, mais eles saíam e quanto mais curiosa ela se tornava, mais eles ficavam, mas muito difícil tornar a aula curiosa. Me refiro aqui, a uma aula que os prenda, que seja interessante, que os mantenha próximos de descobertas. Tinha que impactá-los fosse com imagens ou perguntas, mas o contexto deles impactava mais que qualquer objeto de conhecimento.

Diante da impossibilidade de conhecer os alunos das seis turmas, elaborei um formulário no *Google Form* com o objetivo de diagnosticar seus contextos, em relação às aulas virtuais e acesso à escola para buscar atividades escolares que fossem disponibilizadas, pois nas aulas virtuais eram somente avatares, ninguém falava e maioria das atividades não eram devolvidas. Entendo aqui que um docente não pode rotular seus alunos, atribuindo-lhes o título de desinteressados.

Para facilitar esse entendimento, foram previamente identificados em seu contexto, num longo e minucioso processo de análise, por meio do Diagnóstico do Estudante, como será mostrado posteriormente. No ponto de vista dos alunos, como relacionar suas memórias de estudantes sendo ingressantes numa escola desconhecida, com colegas, professores e métodos de ensino que não vivenciaram? Tudo é novo para eles, inclusive os objetos de conhecimento da Geografia do currículo do Ensino Médio.

A vida escolar é mais do que o certo e o errado, o dedicado e o descompromissado. Penso que se o aluno aparenta desinteresse, tem que buscar saber a causa e agir sobre ela. Mas para identificar, mesmo

⁵ A Secretaria Municipal de Educação (Smed) disponibiliza a gratuidade da passagem em transporte coletivo, por meio do cartão TRI Vou à Escola, para 7 mil estudantes de baixa renda do Ensino Fundamental na rede pública municipal, estadual ou federal de ensino que não conseguem vaga em escola próxima à residência - de 1 quilômetro a 2 quilômetros de distância.

superficialmente, as causas foi necessário conhecer suas particularidades. Resultou nos índices a seguir.

4.2 DIAGNÓSTICO DOS ALUNOS

Ao criar esse diagnóstico, a ideia era conhecer sobre o contexto dos alunos. Destaco que dos 96 alunos que não responderam ao Diagnóstico do Estudante, pouco se sabe deles. Seus nomes estão na busca ativa realizada pela escola, mas muitos de seus números telefônicos registrados no ato da matrícula, assim como de seus pais, estão inoperantes.

É provável que o índice de evasão é e será altíssimo, o que demonstra o efeito desigual da pandemia sobre as classes populares. Além disso, os alunos que retornarem às salas de aula, carregarão consigo, memórias de uma trajetória de dois anos sem aula presencial ou com aulas precárias.

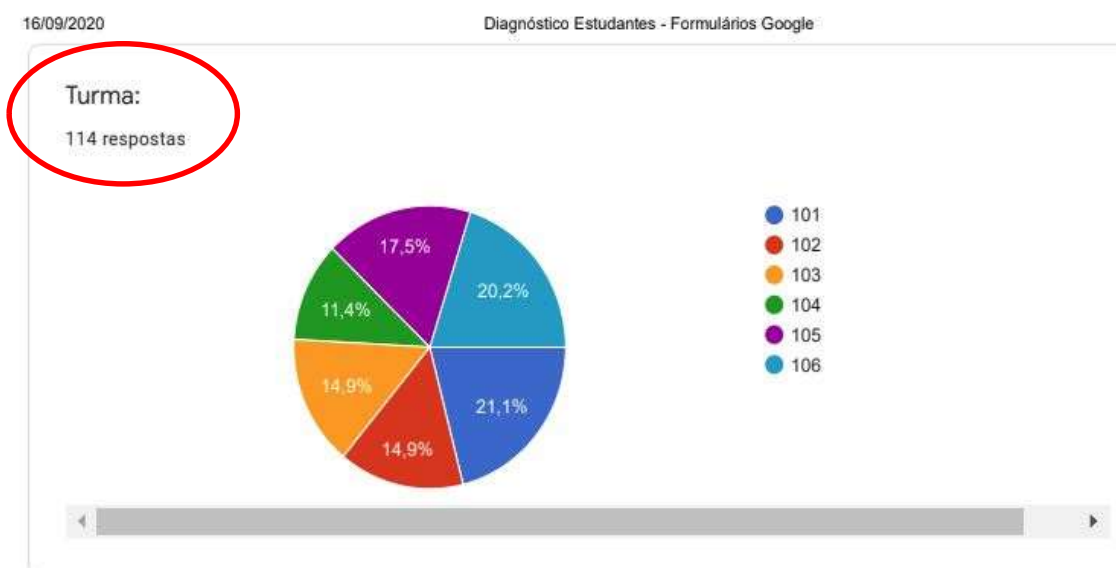


Figura 14: Percentual dos alunos que responderam ao diagnóstico dos estudantes
Fonte: da autora

Ao disponibilizar o Diagnóstico do Estudante, obtive 114 respostas de um total de 210 alunos. Observando o gráfico anterior, os índices mostraram que não conheci o contexto de 45% deles.

Diagnóstico do aluno	Turma 101	Turma 102	Turma 103	Turma 104	Turma 105	Turma 106
Responderam	20	13	17	17	24	23
Não responderam	15	22	18	18	11	12

Figura 15: Diagnóstico dos estudantes

Fonte: da autora

- Total dos que responderam: 114 alunos
- Total dos que não responderam: 96 alunos

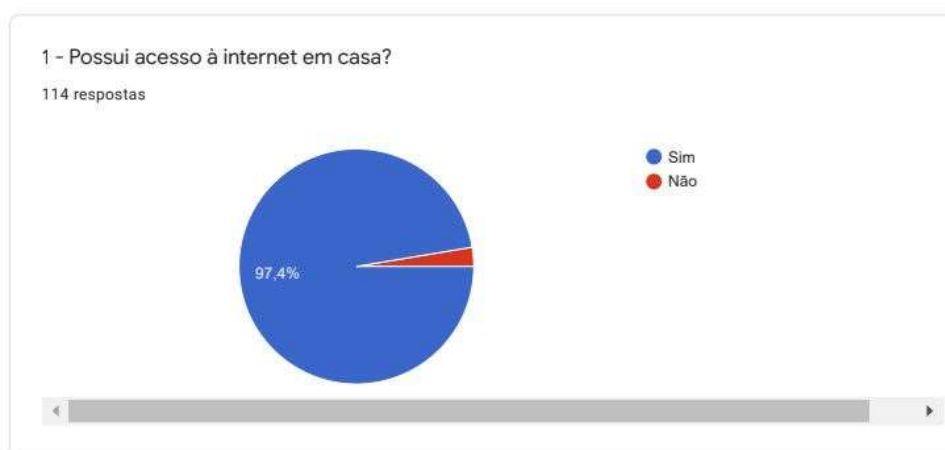


Figura 16: Possui acesso à Internet em casa?

Fonte: da autora

Quanto a pergunta sobre possuírem internet em casa, as respostas foram animadoras, pois poucos responderam que não tinham, e esses seriam o foco de uma atenção maior, pois teriam que buscar as atividades disponibilizadas na escola.

- 111 alunos declararam ter acesso à Internet em casa;
- 3 alunos declararam não ter acesso à Internet em casa;
- 96 alunos não responderam.

A ideia era filtrar as informações e no final comparar os que tinham menor rendimento, com os contextos que mostraram ao responder as questões do Diagnóstico do Alunos, pois esse era meu objetivo: entendê-los e situá-los na inter-relação de uma Geografia que não está no Livro Didático.

Nesse momento, de acordo com os dados, eu teria 3 alunos a dar uma atenção especial, mas o preocupante é que de outros 96 eu não tinha nenhuma informação.

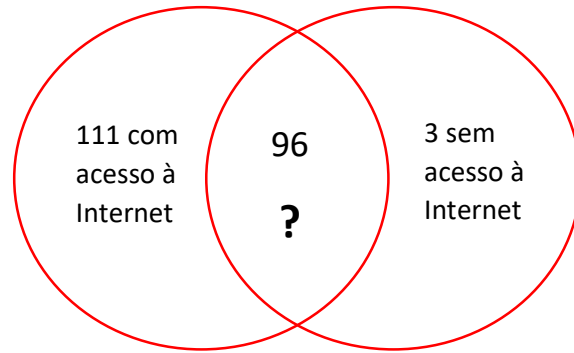


Figura 17: Alunos com/sem acesso à Internet que responderam ao diagnóstico
 Fonte: da autora

A síntese desses primeiros dois gráficos mostrou com esses dados, o quantitativo de atividades que deveria disponibilizar na escola e quais alunos teriam possíveis dificuldades para acessar a rede e ter um bom desempenho escolar, no que dependesse das tecnologias.

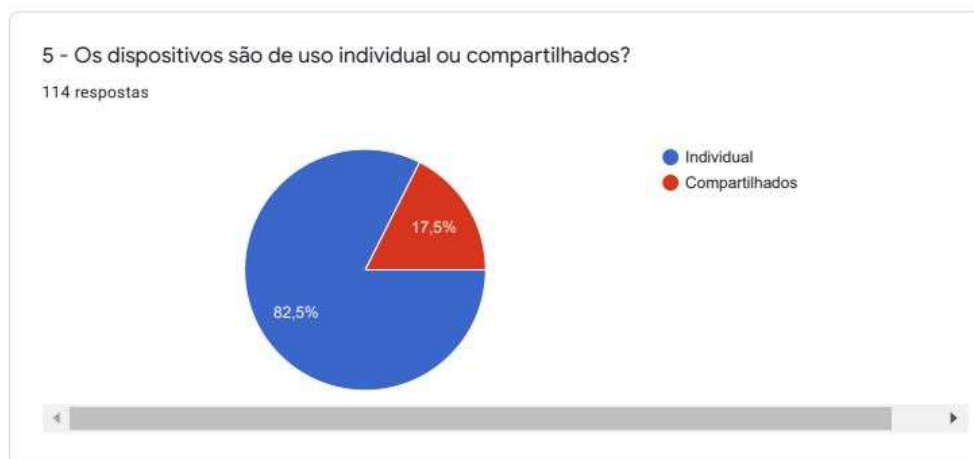


Figura 18: Os dispositivos são de uso individual ou compartilhados?
 Fonte: da autora

O objetivo dessa informação era saber quais alunos usavam dispositivos compartilhados, para administrar situações que vão além do estudo, exigindo organização por parte de quem compartilha, pois, a disponibilidade teve que ser planejada acompanhada de uma nova dinâmica familiar. Eu queria saber quem tinha essa condição.

Conforme os relatos dos alunos:

Turma 106: *“só posso fazer meus temas de noite, quando minha mãe chega em casa, pois o celular é meu e dela...”*

Turma 105: “o celular é meu e da minha irmã, tenho que esperar ela desocupar...”

Turma 102: “meu pai perdeu o emprego, agora é Uber e fiquei sem celular...”

- 94 alunos usam dispositivos individuais;
- 20 alunos usam dispositivos compartilhados.
- 96 não responderam.

Diante dessas estatísticas considerei que deveria somar 20 atividades – para os alunos que usaram dispositivos compartilhados - com 3 dos que não tiveram acesso à Internet e disponibilizar fisicamente na escola.

Mais um plano desfeito. A Escola não abriu as portas por falta de efetivo e os alunos não tinham como acessar as atividades, pois funcionários que deveriam manter a higienização, não foram enviados pela Secretaria de Educação, apesar dos inúmeros pedidos da vice direção.

Então pensei sobre poderem usar algum suporte familiar para realizar as atividades, alguém que os ajudasse a estudar, além de mim.

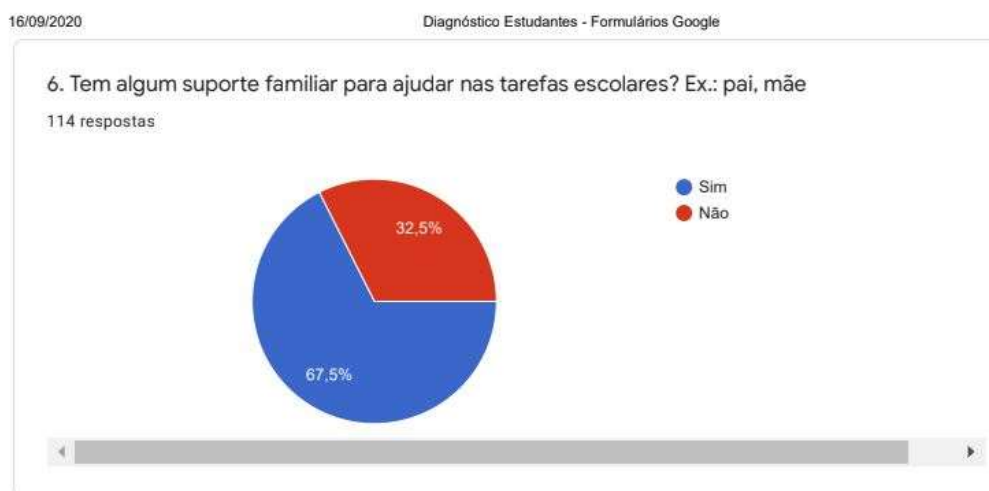


Figura 19: Tem algum suporte familiar para ajudar nas tarefas escolares?
Fonte: da autora

No gráfico sobre ter ou não suporte, 1/3 dos alunos admitiu não ter, ou seja, eles têm que estudar sozinhos.

- 37 alunos responderam que não tem suporte;

☑ 77 alunos responderam que tem suporte;

☑ 96 não responderam.

Nessa parte do Diagnóstico do Aluno, percebo aumento na responsabilidade do fazer docente à necessidade de refletir sobre o que são aulas virtuais e ensino remoto. Relacionar essas variáveis com o contexto de cada um não pode se reduzir a uma análise simplista, como uma nota, por exemplo, como avaliação do aluno. No que se refere as aulas virtuais, o espaço doméstico contribuiu para que aprendessem alguma coisa? O Ensino Remoto, totalmente on-line produz resultados como no ensino tradicional? E quanto ao que penso que ensino como docente? Se questionados, os alunos não respondem, e as atividades – em maioria - não devolvem. Respondendo às perguntas, na primeira, o espaço doméstico foi dispersivo, na segunda, o Ensino Remoto em nada se compara ao ensino tradicional no Ensino básico, os alunos não sabem estudar autonomamente, não sabem se conduzir ou são facilmente dispersados, não tem hábito de leitura e muitos relataram que não tiveram Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental por falta de professores, e por fim, na terceira pergunta, creio que por maior que tenha sido meu empenho, pouco consegui ensinar. Os obstáculos sociais/estruturais são superiores as minhas iniciativas pessoais.

Mas não desisti de tentar contatá-los para que algum aprendizado fosse construído. Nem que fosse só para entregar material e atividade de forma física.

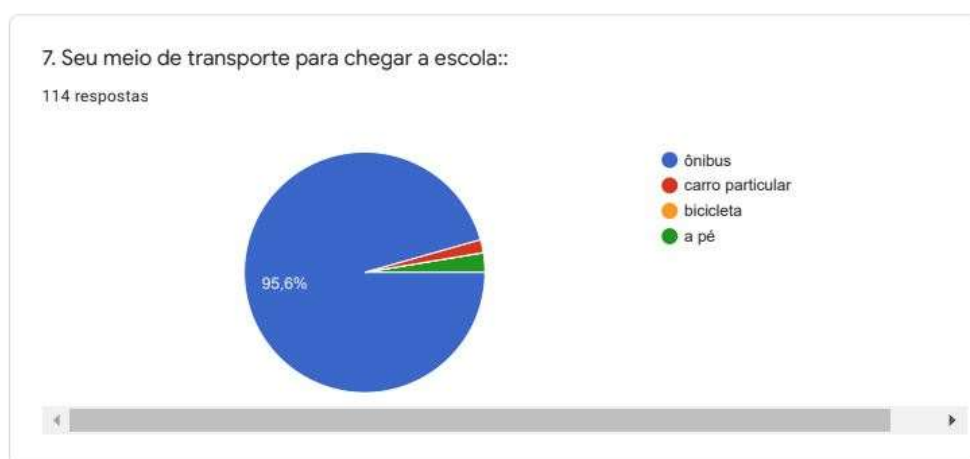


Figura 20: Seu meio de transporte para chegar à escola.
Fonte: da autora

O objetivo dessa pergunta foi o de analisar a necessidade de o aluno ter que se deslocar até a escola, o que seria arriscado num ônibus, considerado um vetor de transmissibilidade do vírus. Nesse momento eu tinha esperança de que a escola abriria as portas para que houvesse alguma forma de distribuir atividades para quem não tivesse acesso à Internet. Não aconteceu. Os alunos pareciam estar abandonados.

A ideia do diagnóstico dos estudantes era a de filtrar as informações e quantificar quem estava enfrentando dificuldades de aprendizagem por conta do contexto. Por exemplo: não ter acesso as aulas virtuais por não ter internet em casa nem fora de casa, não ter dispositivo disponível e não ter ninguém que lhe desse suporte. A esses alunos a única opção era a de buscar material na escola, expondo-se ao risco de contágio. Nem essa opção tiveram. Nesse contexto, conversas entre professores estavam pautadas em expor frustrações. E assim foi em 2020.

5 RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS

Quando anunciaram o retorno das aulas presenciais em 23 de agosto de 2021, imaginei a dificuldade em manter o distanciamento social, pois mais uma vez imaginei salas cheias.

Vejamos:



Figura 21: Onde estão os alunos em dias de aulas presenciais?
Fonte: da autora

Não foi o que aconteceu. Foram salas vazias. Com o retorno das aulas presenciais, em turmas divididas, os alunos acessaram o colégio por uma entrada lateral, em fila, para ser medida a temperatura e após isso, deslocarem-se imediatamente para a sala de sua turma, só podendo sair no final, merendar, ir embora. Quanto a ida ao banheiro, são monitorados. Cada um tem que carregar sua água, pois os bebedouros estão interditados e não podem, em hipótese alguma retirar as máscaras no interior das salas de aula ou outra dependência do espaço escolar. Parece rigoroso demais, mas são questões de segurança, portanto, necessárias no período de Pandemia. A maioria respeitou as regras no início do retorno, mas já caíram em desuso. Estão colocando as máscaras somente quando entram no colégio, estão se agrupando no interior das salas de aula, na esquina da escola, e compartilhando materiais. Nas salas de aula, mesmo que sejam apenas 4 alunos, sentam-se muito próximos.

Depois de um mês de retorno, o máximo que tive, foram 6 alunos de uma turma de 35 e não variou com os colegas de outros anos, inclusive soube-se de um acordo entre turmas de terceiros anos do Ensino Médio de ninguém retornar no tempo que resta do ano letivo de 2021. Depoimentos como: *“ninguém aprendeu nada e se voltarmos, não vamos aprender nada e ainda podemos rodar...”* são os argumentos que sustentam os acordos.

A imagem a seguir mostra o fluxo dos estudantes no retorno das aulas presenciais:

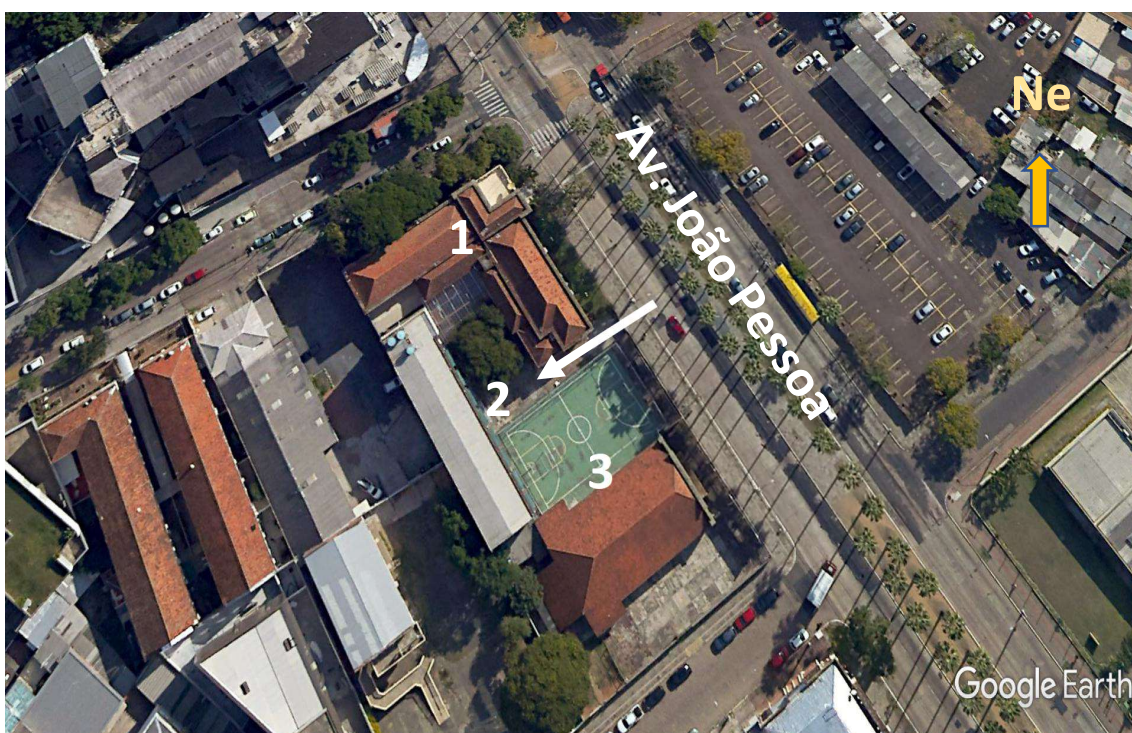


Figura 22: Vista aérea da planta do Colégio Estadual Inácio Montanha

Fonte: Google Earth

1. Prédio A (sem acesso aos alunos)
2. Prédio B (onde os alunos têm aula)
3. Ginásio de esportes

A seta indica o caminho que os alunos fazem para entrar e sair da escola. Os demais espaços escolares estão restritos aos professores e funcionários e os atendimentos estão sendo feitos por uma janela, por questão de segurança sanitária. No cartaz diz: *“Alunos, não entrem. Atendimento na janela”*

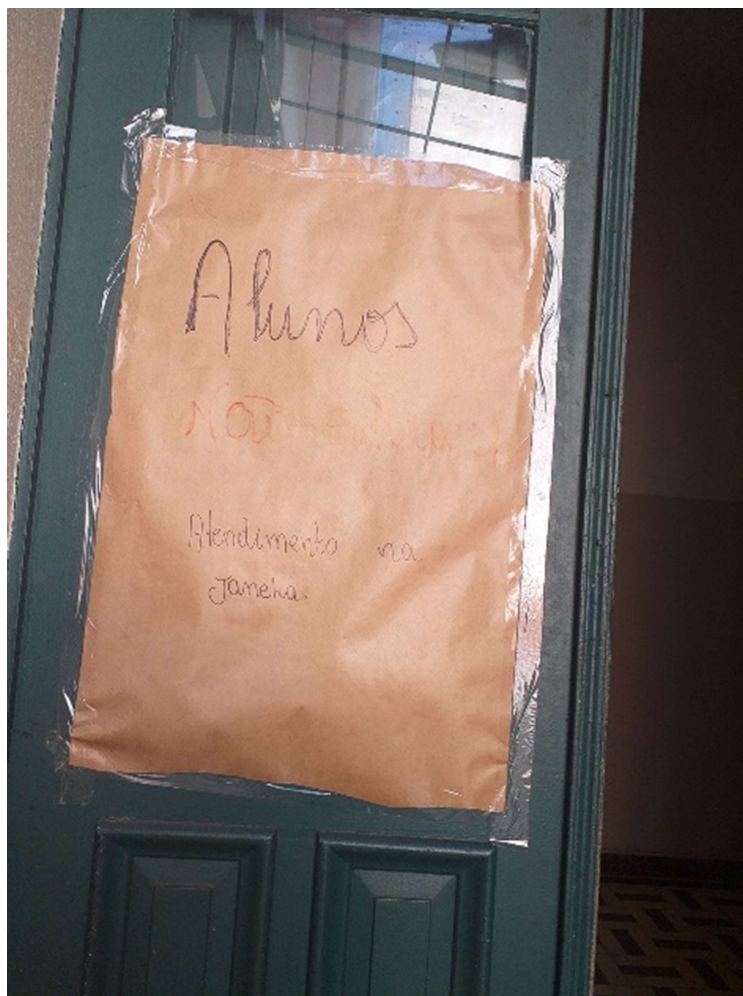


Figura 23: Aviso para os alunos: atendimento na janela
Fonte: da autora

Durante o período descrito nesse trabalho, a escola passou a condição de “*não é mais*” para “*vai ser?*” O “*não é mais*” refere-se a um espaço escolar diferente do conhecido, não é o lugar onde podem desfrutar as rotinas de um estudante, não podem frequentar a biblioteca, nem o pátio, não tem recreio e está silenciosa. O “*vai ser*” é retornar ao que era, causando uma espera, não se sabe bem pelo quê, tanto por parte dos alunos como dos professores e das pessoas envolvidas na vida escolar, o que leva a refletir sobre a escola que retornou em 2021 ilustrada pela imagem da cancha de esportes. Está vazia e silenciosa, nada acontece ali.



Figura 24: Quadra de jogos
Fonte: da autora

O pátio animado, de encontros, de risadas, de recrear está lá. Mas é um pátio que perdeu sua liberdade e segundo (Larrosa, 2019), é o lugar “onde os alunos podem relaxar e se distrair durante os recreios diários”.



Figura 25: Pátio da escola
Fonte: da autora

Nesse momento de repensar a escola, depois de 18 meses com aulas virtuais, destaco as diferenças no rendimento escolar enfatizando a importância das aulas presenciais. Quando o conhecimento era construído em sala de aula, as diferenças existiam, havia o contato humano e mutuamente alunos e professores faziam trocas. Alunos com melhores desempenhos, estrategicamente compunham grupos com os de piores desempenhos, e aos poucos, todos iam se nivelando, pois o acesso ao conhecimento e ao professor levava a uma relação igualitária.

Hoje é um outro cenário, com uma dinâmica desafiadora. Desde 2015 trabalhávamos em salas ambiente e os alunos eram os que se deslocavam nos corredores nas trocas de períodos dando vida a eles, com suas falas, risos e

correrias. Isso desapareceu, assim como a Sala Ambiente de Geografia com seus mapas, mostruário de rochas, livros, Atlas, Globo Terrestre, Relógios de Parede com os Fusos, Termômetros Celsius e Fahrenheit e todas as informações que eles transmitiam ao serem observados. Essa transformação causou desconforto, como se nós professores de Geografia, tivéssemos saído de um lugar e voltado para outro. Além disso, as turmas foram divididas em dois grupos: Grupo 1 de A até J e Grupo 2: de K até W em semanas alternadas entre Aulas Virtuais Síncronas, Assíncronas e Presenciais.

Quanto as regras impostas, não é aconselhável trabalhar “matéria nova” e as aulas têm duração de meia hora totalizando 5 períodos por dia. Não é recomendável dar atividade e recolher folhas, pois isso implica na troca de materiais como possíveis meios de contaminação, assim como na dificuldade dos alunos de terem acesso aos materiais didáticos pois não podem manuseá-los. O que se faz em meia hora numa sala de aula? Muito pouco.

O quadro descrito mostra o aprofundamento do fosso social, pois os que não estão frequentando a escola são os mais pobres. Isso apresenta um efeito secundário, que é a desvalorização da própria escola e do trabalho docente.

Dentro desse pouco, o ponto positivo é que nos aproximamos, seja pelo contexto, seja pela relação social que o espaço comum proporciona.

Comentários de alunos da faixa etária de 15 anos quando retornamos às aulas presenciais, como:

"... a Sra. é duas! Aquela do computador é muito séria... aqui não é..."

"... a Sra. é baixinha né? Parecia maior nas aulas lá de casa..."

"... Prof. saiu da tela do celular e passou a existir..."

"... continuo sem entender geografia..., mas aqui está melhor do que em casa..."

Enfatizo que esses comentários remetem a pensar em Geografia, pois de maneira despercebida, eles se referiram aos conceitos de lugar, território e espaço vivido. Do que falaram, senão em Geografia? Provavelmente não se deram conta. Rico material para nós professores incluirmos nas reflexões em nossas aulas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever essa parte do trabalho, não o vejo como conclusão, pois os problemas continuam e nesse momento, tomo conhecimento de dificuldades enfrentadas na plataforma Escola-RS, onde temos que abastecer o banco de dados. Analisando as mensagens postadas no grupo de whatsapp dos Professores, pode-se perceber o quanto os professores tentaram (e tentam) fazer seu trabalho, mas vencer as dificuldades tecnológicas não depende de sua vontade, restando se conformar e aguardar. O que fazer com a ansiedade? Mais um aprendizado que exige maturidade para lidar com as situações difíceis e creio que com os alunos não é diferente. Por um lado, os professores não conseguem acesso para fazer os registros e por outro, existe a cobrança de que devem estar registrados. Os gestores da Secretaria da Educação alegam que informam sobre todos os procedimentos. Sabemos que os algoritmos dos bancos de dados devem ser atualizados, conforme a carga de informações, e que isso inviabiliza o trabalho dos professores, mas os prazos para informar sobre notas dos alunos, não mudam, mesmo que o sistema se torne inoperante.

Quanto a sociedade, a maneira que se portou em relação aos professores, considerar que, se por um lado, os docentes tiveram que se recriar ao trabalhar de forma remota, também experienciaram meios diferentes para identificar e avaliar o desempenho escolar, o que causou insegurança. Nesse período, enquanto os professores trabalhavam arduamente, os protestos aumentavam e os governantes anunciavam que as aulas presenciais estavam retornando em tal dia, tal dia... A sociedade, que nos demonizou sem piedade (assim como à Geni e o Zeppelin) ainda não conseguiu perceber o valor dos professores e da escola na estrutura social. Saíram às ruas para protestar em frente à casa da Juíza que suspendeu as aulas, fizeram carreatas e se manifestaram em frente ao Palácio Piratini em Porto Alegre, atribuindo aos Professores a responsabilidade do não retorno as aulas com o discurso de que não queriam trabalhar.

A premissa do governo e da sociedade era a de que estávamos em casa, portanto, disponíveis para o que determinassem que fizéssemos, mesmo que isso demandasse muitas horas do dia em detrimento de outras atividades, inclusive com nossas famílias. Esses pensamentos reforçam a ideia errônea de que Professores só trabalham dentro de uma escola quando estão dando aula.

Desconhecem o percurso desse profissional, que inclui planejamento e estudo do objeto de conhecimento, necessários para que resulte numa aula. Demonstra-se, mais uma vez, a desvalorização da atividade do profissional docente como um mero doador de aulas. Não será isso uma estratégia política de desvalorização da escola pública? Uma escola pobre, empobrecida para um público pobre/empobrecido?

Os professores custearam seus acessos sem contar com nenhum bônus do governo referente ao aumento da conta de energia. E nesse contexto, são divulgadas ações governamentais onde as verbas destinadas a educação no país foram cortadas. Pergunto: o que será da educação no pós Pandemia? Foi extremamente fragilizada nos anos de 2020 e de 2021 e retorna em 2022 sem verba? O fosso social entre classes aumentará.

Relato que nas reuniões virtuais de professores, na maior parte das falas, foi comum perceber que os pares relatavam basicamente sobre o que acontecia quando perguntas eram feitas aos alunos, não eram respondidas, como se não existisse outra presença além da do professor aula virtual. Os alunos interagiram por um período, depois sumiram. As aulas virtuais na casa dos alunos e dos professores, como exigiu o ensino híbrido, mostrou que nem todos tem acesso as tecnologias e aos equipamentos necessários para o desenvolvimento da aprendizagem e essa precariedade, de alguma forma favorece a evasão escolar e foram esvaziando ao longo dos meses, por mais que os professores se esforçassem para criar aulas atrativas, e numa reunião remota de professores, todos tinham as mesmas queixas, onde as salas de aula virtuais eram praticamente vazias se opondo a tela do computador, transformada num mosaico de avatares.

As aulas virtuais precisaram ser planejadas exigindo criatividade e aumentando as horas de preparação, o que as diferencia de uma aula presencial, onde o planejamento pode ser somente escrito ou rabiscado, desde que tenha intencionalidade do professor. As primeiras têm que capturar o aluno que está imerso em um espaço dispersivo, enquanto as segundas são onde as interações acontecem, pois são resultado de uma ação no tempo e no espaço, dentro de uma sala de aula e na escola. Praticamente todas as aulas remotas precisam ser formatadas em slides, planejadas dentro de um espaço de tempo

não cansativo que contemplassem falas dos alunos além do tempo de operacionalização. São incomparáveis as aulas virtuais e as presenciais, como se tivessem diferentes naturezas e coube ao professor dar conta, um enorme desafio. O estresse e o sobretabalho dos professores são inquestionáveis, bem como a desmotivação para eles e para os alunos do processo educativo. Recuperar vínculos e a crença no papel do estudo e da escola levará tempo.

Por um lado, aos Professores foi atribuída a responsabilidade dos danos de não ter aulas presenciais, e por outro, lidar com o contexto dos alunos, da escola ausente, do ensino precário, da sociedade representada pelo bombardeio de e-mail dos pais e do governo atribuindo mais e mais atividades. Parece fácil para a sociedade opinar sobre Educação e sobre o trabalho dos Professores, mas com total desconhecimento de causa. A diferença de um Professor está no fato de que para “ser um Professor” tem que trilhar um longo caminho de estudos, onde o aluno não é representado por uma nota, pois antes de ser aluno, ele é gente. Professores educam “gente”, não avatares.

Nessa perspectiva, o saber dos professores parece estar assentado em transações constantes entre o que eles são (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que fazem. O ser e o agir, ou melhor, o que Eu sou e o que Eu faço ao ensinar, devem ser vistos aqui não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar. TARDIF (2014, p. 16)

Durante esse período de Pandemia, relatei o quanto o trabalho do Professor aumentou e dialogando com Tardif, não teve como separar a dinâmica do ser e do agir, pois o trabalho triplicou acrescido do retrabalho. Situação recorrente, pois as plataformas, tanto a de interação com os alunos, quanto a de interação com o governo possuem falhas. Repetidamente tivemos que registrar dados mais de uma vez. Pensarmos ter concluídos os registros e nos depararmos com a necessidade de refazê-lo, pois estavam em branco.

Enfatizo que diversos relatos de alunos sobre a situação em que se encontravam, mostraram o esforço que eles fizeram para se manter no papel de alunos e não caberiam todos nesse trabalho. Selecionei um que ilustra seu contexto, porque esse relato traz fatos que são comuns a muitos alunos, e se usasse outros, estaria repetindo tristes histórias. Nesse panorama, encontram-

se sintetizadas muitas situações frequentes entre as mensagens recebidas ao longo desses meses de Pandemia.


Ele inicia com o aluno querendo saber se pode fazer a recuperação, ou seja, entendi que ele quer continuar estudando e parou porque teve que assumir responsabilidades que, antes da morte do pai por Covid-19, não eram suas. Com 15 anos de idade, ele não soube lidar com a carência afetiva e material que assolou sua vida. Não bastando pedir para fazer a recuperação, ele oferece alternativas quando diz que *“poderia entregar as atividades a mão”* e enfatiza que perde seu emprego se rodar, que é seu sustento e ajuda financeira para a mãe. Alega reconhecer que é um apelo emocional, ao qual tenho vontade de dizer: não tem nada de emocional nisso, não estamos falando de emoções e sim de direitos, de contextos, de dificuldades e, principalmente, de alguém que quer resolver seus problemas, apresentando argumentos, negociando soluções e propondo alternativas. Emoções fazem parte disso, de viver, então não são apelos. No final ele desculpa-se por ter escrito um texto grande, mas que não saberia *“se expressar de forma pequena”*.

Pensei o que seria pequeno na vida de um menino de 15 anos. Nada. O que ele escreveu foi grandioso, foi como se em sua escrita, ele tivesse relatado as dificuldades dos lares de muitos estudantes, das muitas mães *solos* que criam seus filhos, e seu grande desejo: o de ter chance de recuperar suas notas como estudante. De terem a chance de lutar por uma vida menos árida e desigual. É a escola pública uma das poucas instituições do estado que atendem, precariamente, as classes populares. Valorizar esta instituição é uma forma de lutar contra a exclusão e a barbárie que tanto caracterizam nossa nação. Diante desse pedido, elaborei apenas uma pergunta que valia como recuperação e dei prazo até o final do ano letivo – 15 de dezembro de 2021 - para que ele devolvesse a atividade, portanto, não teremos a resposta agora. A pergunta é: Qual lugar do mundo você gostaria de conhecer? Descreva esse lugar, onde está, como são as pessoas, o clima, a vegetação, como chegar e ilustre com um mapa.



Olá, Saionara,

~~_____~~ adicionou um comentário particular a Atividade Avaliativa 3 no curso 103 - Geografia.

**NOVO COMENTÁRIO**
~~_____~~

Professora, eu queria saber se eu ainda poderia fazer a recuperação da sua matéria. Eu não gostava de dizer isso a um tempo, e sei que não vou gostar tanto assim de dizer mesmo agora. A um ano atrás, eu tive a perda do meu pai com a doença do covid-19, e acabei entrando num momento de carencia monetária. Embora minha mãe trabalhasse ainda, ela não conseguia sustentar tudo, e acabamos por fazer certos cortes. A internet foi um deles, no inicio desse ano na verdade, e embora a gente conseguisse enrolar um pouco inevitavelmente acabou sendo cortada, e só atualmente conseguimos recobrar certas coisas e passamos bem, ainda mais pois acabei começando a trabalhar este ano (Na verdade, em abril.), porém, eram muitas dividas ainda, e realmente só recentemente conseguimos nos estabilizar. E professora, eu queria saber se eu não poderia realizar a recuperação deste trimestre. Caso eu não conseguisse fazer a recuperação, eu queria saber se eu não poderia nem entregar as atividades a mão para a senhora, uma vez que eu sei que o tempo da recuperação já foi, mas eu realmente preciso da nota, me entende ? Se eu rodar, eu perco meu emprego, algo que eu não quero, afinal, é meu sustento hoje em dia... Eu sei que é um apelo emocional, e é meu unico jeito de conseguir nota, então por favor, por favor professora, deixa eu entregar nem que seja as atividades do trimestre no lugar da recuperação, já que contaria como se fosse o estudo. Eu REALMENTE entregaria o maximo de atividades que eu conseguisse dos dois trimestres e desse terceiro, uma vez que vai ser muito mais facil colocar tudo em dia agora que eu e minha mãe nos ajustamos. Então, por favor, eu imploro que considere este meu pedido. Me desculpa pelo texto grande, mas eu não sabia como expressar de uma forma pequena.

Responder

Figura 26: Mensagem de um aluno
Fonte: da autora

A mensagem anterior, revelou que mesmo que os alunos estivessem interessados em estudar, esbarravam nas precariedades, fossem as de viés econômico e/ou emocionais, o que resultou em baixos rendimentos escolares por suas condições precárias no que diz respeito à forma com que se relacionaram com a aprendizagem e como lidaram com suas dificuldades. Justificativas sobre ausências às aulas síncronas não faltaram, os motivos eram desde usar aparelhos compartilhados até não terem acesso à internet em centenas de casas. Ou: *“aqui em casa não dá, não consigo prestar atenção e não entendo nada”*. Situação perfeitamente compreensível, pois cabe ao professor de Geografia pensar o mundo de forma indissociável e o mundo dos alunos faz parte do seu mundo.

No que concerne ao governo, as ações referentes a educação realizadas no período da Pandemia, foram pautadas em discursos de oportunidades iguais para todos, desconsiderando as condições tanto de alunos, quanto de pais e professores, incluindo as escolas. Apenas discursos retóricos. Oportunidades de acesso aos aplicativos educacionais? Ok, todos (em discurso) tiveram. Mas questiono, e os meios para isso? Os pais que bancaram os dados móveis foram os mesmos que enviaram e-mails comunicando que não tinham mais condições financeiras de manter a despesa demandando para que seus filhos não fossem prejudicados. Ao retornar presencialmente a escola modificada, sem as salas ambiente, onde nossa sala de Geografia é repleta de mapas e materiais didáticos. Gostava muito de observar as expressões dos alunos e mais ainda, responder suas perguntas sobre o que estavam vendo. Hoje não é possível observar suas expressões e não existem perguntas.

Voltando ao início da Pandemia, para ilustrar essa narrativa, como Professora, me vi numa situação em que não sabia o que propor como atividade escolar, me vi sem escola, sem sala de aula e os alunos eram listas. Eu também não tinha voz, nem forma, algo totalmente desligado do habitual. Era como se a identidade docente tivesse desaparecido. Hoje, posso dizer que o que mudou na minha trajetória docente foi a maneira de tratar os diferentes desempenhos escolares aplicando uma prática voltada não só a relação ensino/aprendizagem, mas a investigação do contexto do aluno enquanto sujeito da aprendizagem. Quero saber mais sobre eles, mais do que queria antes da Pandemia e ao

repensar a escola, criar condições de permanência para evitar a evasão escolar, ao repensar suas gentes, valorizar os profissionais da educação e todos os que fazem uma escola funcionar revela a falta de políticas e investimentos públicos em prol da educação pública.

Ao historicizar os elementos que levaram a essa narrativa, destaco o papel da escola (que perdeu seu lugar?), precedido pelo exercício docente que exigiu um novo aprendizado adaptado a descontextualização do espaço escolar. Referente a desigualdade na relação ensino/aprendizagem percebi que foi revelada a partir do momento em que os alunos mostraram suas dificuldades de acesso as tecnologias, alguns mais favorecidos no viés econômico tiveram um bom desempenho, enquanto os desfavorecidos tiveram baixos desempenhos. Isso mostrou que por mais que os alunos tenham tido interesse em estudar, seus meios sociais e econômicos serviram como obstáculos, o que destaca a escola como um lugar igualitário. Esse elemento que se manteve imperativo, que é o espaço escolar, fortaleceu a luta para que seja respeitado como espaço de aprendizagem. Isso a Pandemia mostrou. Não só o espaço escolar, mas também “as gentes” que fazem a escola ser escola, atribuindo-lhe razão de ser e o quanto se mostra capaz de se reinventar, passando a ter um novo sentido.

A narrativa nos leva a pensar em Geografia ressaltando a importância da escola como lugar de aprendizagem, como um lugar onde todos os presentes recebem a mesma explicação do professor, onde podem questionar e serem respondidos. Se até então a escola era considerada um importante fator de contribuição ao combate da desigualdade social, nesse momento de Pandemia, ela mostra o quanto influencia a socialização dos estudantes, dos professores, da comunidade e da relação ensino/aprendizagem. A relação das pessoas que existe no interior de uma escola, nas salas de aula, nos corredores, no pátio, no refeitório são pontes entre o indivíduo e o macrossistema⁶ social. Se desde o início as pessoas ocupam papéis sociais nas relações familiares, e o agir dos outros contribui para que construam suas identidades

Não só os Professores, como também os estudantes se viram distantes dos seu papéis sociais. Como ser professor diante de uma tela de avatares?

⁶ Engloba os sistemas de valores e crenças de uma cultura ou subcultura submersos em um corpo de conhecimento.

Como dar sentido ao papel de estudante se não tem um lugar de aprendizagem comum a todos e se em casa é precário? O ensino remoto mostrou que foi desfrutado de modo diferente por distintas parcelas da sociedade agravando as diferenças entre os que possuíam condições de navegar pelos ambientes virtuais e os que não os possuíam.

Precisou a escola perder seu papel, sua ausência percebida e vivida oportuniza repensá-la depois da Pandemia, assim como refletir sobre a maneira como o governo atende aos interesses dos estudantes, dos Professores e de todas “as gentes” que dão sentido a escola para ser o que é. Estamos entre classes enroladas para presente, mas com pouca vibração. Falta o principal, a relação Professor-aluno. Na escola desconfigurada das aulas híbridas, os alunos não têm recreio e o pátio não se contrapõe à sala de aula, o que o descaracteriza como lugar de se reanimar para o depois e de dialogar com os colegas, assim como os Professores evitam aglomerações na Sala dos Professores. O lugar da descontração, mesmo que por minutos, não está no interior da escola. Como resgatar essa pulsão no retorno das aulas presenciais?

As notícias que ilustraram os jornais mostraram que, mais do que repensar a escola e suas gentes, necessário também repensar as políticas direcionadas à educação básica incluindo os estudantes da escola pública, filhos de trabalhadores que tem a escola pública como meio de acesso para contribuir com a redução da desigualdade social acentuada nesse país. O paradoxo são os governantes que elegemos, pois eles não precarizam a vida da população.

Os elementos narrados nesse trabalho são um convite para socializar experiências que reconfiguraram meu processo de formação como professora, como pesquisadora e como aluna, pois ao mesmo tempo em que contei a história fui (a um só tempo) a que narrou e refletiu sobre suas próprias experiências e creio que possa, de alguma forma, contribuir para avanços teóricos e metodológicos em pesquisas futuras sobre Educação.

Destaco que a data de conclusão desse trabalho é bastante significativa, porque hoje é 20 de novembro, é o Dia da Consciência Negra, uma data que provoca reflexões sobre a construção da sociedade brasileira ao promover discussões sobre discriminação e igualdade social, temas abordados nessa narrativa.

REFERÊNCIAS

Ferreira, Débora Schardosin; Tonini, Ivaine Maria. **Há uma escola como lugar em período de Pandemia?** Revista Ensaios de Geografia, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 27-32, julho de 2020. Submissão em 05/05/2020. Aceite em: 06/07/2020 Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil.

Larrosa, Jorge **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor** / Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes. – 1. ed.; reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

Masschelein, J; Simmons, M. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Tradução de Cristina Antunes. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Menezes, S., Victoria, Costella, Z. Roselane. **O método (auto)biográfico na formação inicial de professores de geografia.** Geografia Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 25, e12, p. 01-27, 2021. DOI 10.5902/2236499444027. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499444027>. Acesso em: dia mês abreviado. Ano

Rodrigues, Saionara, 2020 – **Significando o invisível: percebendo o saber geográfico.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2020. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212188>> acesso em 20 de novembro de 2021.

Sibília, Paula, 1967 – **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão** /Paula Sibília; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Tardif, Maurice **Saberes docentes e formação profissional** / Maurice Tardif. 17 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Ventura, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. **Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores.** Revista Diálogo Educacional, [S.l.], v. 19, n. 60, p. 426-446, mar. 2019. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/23455/23269>>. Acesso em: 29 nov. 2021. doi:<https://doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.AO06>.

Chico Buarque: Geni e o Zeppelin. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=joga+pedra+na+Geni&ei=zGIYYfWyFJTL1sQPz7mSmA4&ved=0ahUKEwj1yOii9avzAhWUpZUCHc-cBOMQ4dUDCA4&uact=5&oq=joga+pedra+na+Geni&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyCAguEIAEEJMCMgUIABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDoHCAAQRxCwAzoHCAAQsAMQQzoLCAAQgAQsQMqgwE6CAgAEIAEELEDOgUILhCABDoFCAAQsQM6CggAEIAEEYQ_QE6BAgAEAo6BwgAELEDEAo6CggAELEDEIMBEAo6BwgAEIAEEAo6BggAEAoQAzoECC4QCkoECEEYAFDI8QRY148FYIubBWgBcAJ4AIABkAWIAaEckgEKMC4xNi40LTEuMZgBAKABAcgBCsABAQ&sclient=gws-wiz> acesso em 2 de outubro de 2021.

Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença – Notícia. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>> acesso em 2 de outubro de 2021.

Governo do RS suspende aulas da rede estadual a partir desta quinta devido ao coronavírus. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/16/governo-do-rs-suspende-aulas-da-rede-estadual-a-partir-desta-quinta-devido-ao-coronavirus.ghtml>> acesso em 2 de outubro de 2021.

Atividades Domiciliares - Inácio Montanha 2020. Disponível em: <<https://atividadesdomiciliaresim.blogspot.com/>> acesso em 2 de outubro de 2021.

Plataforma Escola RS - Educar - Atividades Domiciliares. Disponível em: <<https://atividadesdomiciliaresim.blogspot.com/p/plataforma-educar.html>> acesso em 2 de outubro de 2021.

Letramento Digital. Disponível em: <<https://escola.rs.gov.br/letramento-digital>> acesso em 2 de outubro de 2021.

O que é? Sobre Ensino Híbrido. Disponível em: <<https://escola.rs.gov.br/aulas-remotas-o-que-e>> acesso em 2 de outubro de 2021.

O que é uma pandemia. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-Pandemia>> acesso em 10 de outubro de 2021.

Entenda o significado da música Geni e o Zepelim, de Chico Buarque. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/blog/significado-geni-e-o-zepelim>> acesso em 22 de outubro de 2021.

Saiba mais sobre os Chromebooks. Disponível em: <<https://support.google.com/chromebook/answer/3265094?hl=pt-BR#zippy=%2Cqual-%C3%A9-a-diferen%C3%A7a-entre-chromebooks-e-outros-computadores-como-windows-ou-mac-os>> acesso em 23 de outubro de 2021.

Cartão TRI Vou à Escola. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/cartao-tri-vou-escola>> acesso em 23 de outubro de 2021.

Letramento Digital capacita para uso do Google Sala de Aula a partir desta segunda. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/letramento-digital-traz-capacitacao-para-uso-do-google-sala-de-aula-a-partir-desta-segunda-27>> acesso em 23 de outubro de 2021.

'Não abrir escolas em 2021 é um crime contra a infância', diz pediatra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/nao-abrir-escolas-em-2021-e-um-crime-contra-a-infancia-diz-pediatra,a3064b68f43ba91cd6acef5000c0cc1fb60fxh62.html>> acesso em 23 de outubro de 2021.

Carreata pede retorno das aulas presenciais em Porto Alegre. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/03/carreata-pede-retorno-das-aulas-presenciais-em-porto-alegre-cklxvibi40011016uhevmazb5.html>> acesso em 23 de outubro de 2021.

Protesto em frente ao Palácio Piratini pede a retomada das aulas presenciais. Disponível em <https://www.google.com/search?q=protesto+volta+as+aulas+rs&bih=969&biw=1920&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR715BR715&hl=pt-BR&ei=WGh1YfaUE4nS1sQPpMiHwAk&ved=0ahUKEwj2oLb7m-PzAhUJqZUCHSTkAZqQ4dUDCA4&uact=5&oq=protesto+volta+as+aulas+rs&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2I6EAMyBQgAEM0COgcIABBHELADOgYIABAWEB46CAg_hEBYQHRAeSgQIQRgAUKxLWLIQYLNvAFwAngAgAGLAYgB_AKSAQMwLjOYAQCgAQHIAQjAAQE&sclient=gws-wiz> acesso em 24 de outubro de 2021.

Macrossistema.

Disponível

em:

[<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/macrossistema/9190/>](https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/macrossistema/9190/)

acesso em 8 de outubro de 2021.